

**Novo MUNDO**  
AS CARTAS QUE BATIZARAM A AMÉRICA  
*Américo Vespúcio*



**NOVO MUNDO**  
AS CARTAS QUE BATIZARAM A AMÉRICA  
Américo Vespúcio

Prefácio: Antonio Edmilson Martins Rodrigues





Os Correios, reconhecidos por prestar serviços postais com qualidade e excelência aos brasileiros, também investem em ações que tenham a cultura como instrumento de inclusão social, por meio da concessão de patrocínios. A atuação da empresa visa, cada vez mais, contribuir para a valorização da memória cultural brasileira, a democratização do acesso à cultura e o fortalecimento da cidadania.

É nesse sentido que os Correios, presentes em todo o território nacional, apoiam, com grande satisfação, projetos da natureza desta Biblioteca Básica Brasileira e ratificam seu compromisso em aproximar os brasileiros das diversas linguagens artísticas e experiências culturais que nascem nas mais diferentes regiões do país.

A empresa incentiva o hábito de ler, que é de fundamental importância para a formação do ser humano. A leitura possibilita enriquecer o vocabulário, obter conhecimento, dinamizar o raciocínio e a interpretação. Assim, os Correios se orgulham em disponibilizar à sociedade o acesso a livros indispensáveis para o conhecimento do Brasil.

*Correios*



O livro, essa tecnologia conquistada, já demonstrou ter a maior longevidade entre os produtos culturais. No entanto, mais que os suportes físicos, as ideias já demonstraram sobreviver ainda melhor aos anos. Esse é o caso da Biblioteca Básica Brasileira.

Esse projeto cultural e pedagógico idealizado por Darcy Ribeiro teve suas sementes lançadas em 1963, quando foram publicados os primeiros dez volumes de uma coleção essencial para o conhecimento do país. São títulos como *Raízes do Brasil*, *Casa-grande & senzala*, *A formação econômica do Brasil*, *Os sertões* e *Memórias de um sargento de milícias*.

Esse ideal foi retomado com a viabilização da primeira fase da coleção com 50 títulos. Ao todo, 360 mil exemplares serão distribuídos entre as unidades do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, contribuindo para a formação de acervo e para o acesso público e gratuito em cerca de 6.000 bibliotecas. Trata-se de uma iniciativa ousada à qual a Petrobras vem juntar suas forças, colaborando para a compreensão da formação do país, de seu imaginário e de seus ideais, especialmente num momento de grande otimismo e projeção internacional.

*Petrobras - Petróleo Brasileiro S. A.*





Apresentação	xi
Prefácio – Antonio Edmilson Martins Rodrigues	xiii

## PARTE I

## Cartas Apócrifas

<i>Mundus Novus</i>	3
<i>Quatro Navegações</i>	15
Primeira Navegação	17
<i>Dos costumes e modos de viver destas gentes</i>	19
Sobre o percurso da Segunda Navegação	36
<i>Ritos e costumes dessa gente</i>	40
Sobre a Terceira Navegação	44
<i>Tempo da terceira viagem</i>	45
Do percurso da Quarta Navegação	51

## PARTE II

## Cartas Autênticas

<i>Carta de Sevilha</i>	57
<i>Carta de Cabo Verde</i>	71
<i>Carta de Lisboa</i>	79



A Fundação Darcy Ribeiro realiza, depois de 50 anos, o sonho sonhado pelo professor Darcy Ribeiro, de publicar a Coleção Biblioteca Básica Brasileira – a **BBB**.

A **BBB** foi formulada em 1962, quando Darcy tornou-se o primeiro reitor da Universidade de Brasília – UnB. Foi concebida com o objetivo de proporcionar aos brasileiros um conhecimento mais profundo de sua história e cultura.

Darcy reuniu um brilhante grupo de intelectuais e professores para, juntos, criarem o que seria a universidade do futuro. Era o sonho de uma geração que confiava em si, que reivindicava – como Darcy fez ao longo da vida – o direito de tomar o destino em suas mãos. Dessa entrega generosa nasceu a Universidade de Brasília e, com ela, muitos outros sonhos e projetos, como a **BBB**.

Em 1963, quando ministro da Educação, Darcy Ribeiro viabilizou a publicação dos primeiros 10 volumes da **BBB**, com tiragem de 15.000 coleções, ou seja, 150 mil livros.

A proposta previa a publicação de 9 outras edições com 10 volumes cada, pois a Biblioteca Básica Brasileira seria composta por 100 títulos. A continuidade do programa de edições pela UnB foi inviabilizada devido à truculência política do regime militar.

Com a missão de manter vivos o pensamento e a obra de seu instituidor e, sobretudo, comprometida em dar prosseguimento às suas lutas, a Fundação Darcy Ribeiro retomou a proposta e a atualizou, configurando, assim, uma nova **BBB**.

Aliada aos parceiros Fundação Biblioteca Nacional e Editora UnB, a Fundação Darcy Ribeiro constituiu um comitê editorial que redesenhou o projeto. Com a inclusão de 50 novos títulos,

a Coleção atualmente apresenta 150 obras, totalizando 18 mil coleções, o que perfaz um total de 2.700.000 exemplares, cuja distribuição será gratuita para todas as bibliotecas que integram o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, e ocorrerá ao longo de três anos.

A **BBB** tem como base os temas gerais definidos por Darcy Ribeiro: O Brasil e os brasileiros; Os cronistas da edificação; Cultura popular e cultura erudita; Estudos brasileiros e Criação literária.

Impulsionados pelas utopias do professor Darcy, apresentamos ao Brasil e aos brasileiros, com o apoio dos Correios e da Petrobras, no âmbito da Lei Rouanet, um valioso trabalho de pesquisa, com o desejo de que nos reconheçamos como a Nova Roma, porém melhor, porque lavada em sangue negro, sangue índio, tropical. A Nação Mestiça que se revela ao mundo como uma civilização vocacionada para a alegria, a tolerância e a solidariedade.

*Paulo de F. Ribeiro*  
Presidente  
Fundação Darcy Ribeiro

## **Américo Vespúcio: o descortinador do Novo Mundo**

*Novo Mundo: as cartas que batizaram a América* são formados por dois conjuntos distintos de cartas escritas por Américo Vespúcio. No primeiro conjunto estão relacionadas as Cartas Apócrifas que compreendem *Mundus Novus* e *Quatro Navegações*, e no segundo conjunto intitulado Cartas Autênticas estão as *Cartas de Sevilha*, de *Cabo Verde* e de *Lisboa*.

As diferenças entre apócrifas e autênticas aumenta ainda mais o interesse por este livro e o transforma no marco inaugural de um começo, de uma fundação. Américo Vespúcio utiliza sua imaginação e a consciência que tem de si e do mundo para compor esse cenário das Américas, inserindo que ele é único como Novo Mundo, uma vez que a Europa, a África e a Ásia já eram regiões conhecidas. Essa novidade é alardeada com todo o refinamento de um homem do Renascimento, envolvido com as novas técnicas da cartografia e da astronomia e dispendo de um vocabulário renovado capaz de dar conta da novidade e pensá-la como um outro, estabelecendo as distinções.

A narrativa de Vespúcio é plena de sabedoria e erudição aprendidas nos contatos que realizou em Florença e fora da cidade com intelectuais e com artistas, e principalmente com homens que já tinha tido o privilégio de conhecer a novidade, que avivaram a sua curiosidade e o fizeram produzir imagens do que ainda não tinha visto, mas que desejava ardentemente ver. Por isso, a sua

narrativa é densa e povoada de ansiedades. Era preciso conhecer logo e espalhar a novidade, ao contrário dos portugueses e dos espanhóis, que, sabedores dela, se negaram a divulgá-la.

Para Darcy Ribeiro este talvez fosse um dos primeiros livros da BBB, aquele que descortina o mundo e mostra que nem todos que por Novo Mundo vieram tinham interesse em dizimar populações ou interditar culturas.

Vespúcio, homem de Florença, intelectual renascentista, dirige seu olhar para as singularidades do Novo Mundo, destaca-as como o novo, na forma e no conteúdo, alargando o horizonte de possibilidades abertas pela revolução do Renascimento. Em parte, confirma várias ideias que vinham sendo desenvolvidas pela renovação resultante da leitura da tradição greco-romana, mas ia mais longe, buscava novas formas de navegar, novas maneiras de conhecer através da velocidade de circulação.

Não importa que outros já tivessem aqui chegado. Vespúcio seguia os rastros dos que antes de descobrir já haviam inventado a América pela leitura de Plínio, o Velho. As lições de política ouvidas de Maquiavel também funcionaram como luzes para a invenção da América, e, mesmo que o nome não venha dele, ele teve um dedo nessa criação da Renascença.

Mas, voltemos nosso olhar para sua narrativa com o intuito de tornar também curioso nosso leitor, abraçando a causa da BBB.

**ANTONIO EDMILSON MARTINS RODRIGUES** É PROFESSOR DA PUC-RIO - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA E DA UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. LIVRE DOCENTE EM HISTÓRIA DO BRASIL PELA UERJ.

**NOVO MUNDO** —  
AS CARTAS QUE BATIZARAM A AMÉRICA  
*Américo Vespúcio*

PARTE I  
CARTAS APÓCRIFAS



*Carta a Lorenzo di Pierfrancesco dei Medici*

Saúde. Nos dias passados, muito amplamente te escrevi sobre meu retorno daquelas novas regiões que – por mando desse sereníssimo rei de Portugal, à sua custa e com a sua frota – procuramos e encontramos, às quais é lícito chamar de Novo Mundo, porque nenhuma delas era conhecida dos nossos maiores; porque é coisa novíssima para todos os que ouviram [falar] delas; e porque isso excede a opinião de nossos antepassados, pois a maior parte deles diz que, além da linha equinocial e para o meridiano, não há continente apenas mar, que chamam de Atlântico. E, se alguns deles afirmaram que ali havia continente, negaram – por muitas razões – que aquela terra fosse habitável.

Todavia, essa última minha navegação constatou que essa opinião dele é falsa e totalmente contrária à verdade, já que encontrei naquelas partes meridionais um continente habitado por mais numerosos povos e animais do que na nossa Europa, ou Ásia, ou África. Além disso, [encontrei] um ar mais temperado e ameno do que em qualquer outra região por nós conhecida, como mais abaixo saberás, onde sucintamente só escrevemos o essencial das coisas e as coisas mais dignas de anotação e memória que por mim foram vistas ou ouvidas nesse novo mundo, como abaixo fica exposto.

Aos 14 do mês de maio de 1501, por ordem do mencionado rei, partimos de Lisboa com boa navegação, com três navios, para

explorar novas regiões no austro. Navegamos durante 20 meses contínuos para o meridiano. O roteiro dessa navegação é o seguinte: nossa navegação foi pelas Ilhas Fortunadas – outrora assim denominadas e agora chamadas de Grandes Canárias –, que estão no terceiro clima e nos confins habitados do Ocidente. Depois, percorremos, por todo o oceano, o litoral africano e parte etiópica, até o Promontório Etíope – assim chamado por Ptolomeu –, o qual é agora chamado de Cabo Verde pelos nossos, pelos etíopes de Beseguiche, e aquela região Mandinga, 14 graus dentro da zona tórrida da linha equinocial para o setentrião, a qual é habitada por gentes e povos negros.

Ali, recuperadas as forças e [as coisas] necessárias para a nossa navegação, levantamos âncoras e demos velas aos ventos. Dirigindo nosso caminho pelo vastíssimo oceano, para o [Polo] Antártico, dobramos um pouco para o ocidente, pelo vento que se chama vulturno. Desde o dia que partimos do dito promontório, navegamos pelo espaço de dois meses e três dias sem que nenhuma terra nos aparecesse. O que sofremos naquela vastidão do mar – perigos de naufrágio, incômodos que sustentamos no corpo, angústias da alma que padecemos – deixo à estimativa daqueles que conheceram muito bem a experiência de muitas coisas, do que seja procurar o incerto e ainda o que seja investigar o desconhecido.

Para que, em uma palavra, resuma todas as coisas, saiba que, dos 67 dias que navegamos, tivemos 44 [dias] contínuos com chuva, trovões e relâmpagos, de tal modo escuros que nunca vimos nem o sol de dia nem o céu sereno à noite, pelo que nos sobreveio tanto temor que quase renunciamos a toda esperança de vida. Contudo, nessas tantas e tão grandes procelas do mar e do céu, aprouve ao Altíssimo mostrar-nos um continente, novas regiões e um mundo desconhecido, pela visão dos quais fomos invadidos de tanta alegria quanto alguém possa imaginar ser costume

acontecer àqueles que conseguiram salvar-se de várias calamidades e da fortuna adversa.

No dia sete de agosto de 1501, baixamos âncoras nos litorais das mesmas regiões, dando graças ao nosso Deus, com solene súplica e uma missa celebrada com canto. Ali soubemos que a mesma terra não era ilha, mas continente, porque se estende por longuíssimos litorais que não a cercam e porque está repleta de infinitos habitantes. Com efeito, nela encontramos inúmeras gentes e povos, gêneros de todos os animais silvestres que não se acham em nossas regiões e muitas outras [coisas] nunca vistas por nós; seria longo falar de cada uma delas.

Muita clemência Deus nos manifestou quando chegamos àquelas regiões. Com efeito, nos faltavam lenha e água, e podíamos suportar a vida no mar por poucos dias. Ao mesmo [damos] honra, glória e ação de graças. Resolvemos navegar seguindo o litoral desse continente para oriente, nunca afastados daquela vista. E logo percorremos aquilo tanto tempo que chegamos a um ângulo onde o litoral fazia uma virada para o meridiano. E daquele lugar – onde atingimos primeiramente a terra – até esse ângulo, foram cerca de 300 léguas. No caminho dessa navegação, descemos muitas vezes em terra e conversamos amigavelmente com aquela gente, conforme ouvirás abaixo.

Esqueci-me de escrever-te que do promontório do Cabo Verde até o princípio daquele continente são cerca de 700 léguas, embora estimo que tivéssemos navegado mais do que 1.800, em parte pela ignorância dos locais e [ignorância] do piloto, em parte pelas tempestades e pelos ventos que impediram nosso caminho direto e nos impeliaram para frequentes desvios. Pois, se os companheiros não tivessem pedido ajuda a mim, que conhecia a cosmografia, não havia piloto ou nosso guia de navegação que, por 500 léguas, soubesse onde estávamos. Estávamos, pois, vagos e errantes. Somente os instrumentos dos altos corpos celestes nos mostraram

exatamente a verdade: esses foram, como todos sabem, o quadrante e o astrolábio. Desde então, todos me trataram com muita honra, pois mostrei-lhes que, [mesmo] sem conhecimento da carta de marear, eu tinha mais experiência com a ciência de navegar do que todos os pilotos do mundo ao mesmo tempo. Com efeito, estes não têm nenhum conhecimento se não daqueles locais que navegaram muitas vezes.

Além disso, de onde o dito ângulo da terra nos mostrou desvio do litoral para o meridiano, concordamos em ultranavegá-lo e investigar o que havia naquelas regiões. Navegamos, pois, seguindo o litoral cerca de 60 léguas. Muitas vezes descemos em terra, falamos e conversamos com os habitantes daquelas regiões, e por eles éramos recebidos paternalmente. E alguma vez ficamos com eles 15 ou 20 dias contínuos, amigavelmente e com hospitalidade, como saberás abaixo.

Parte desse novo continente está na zona tórrida, além da [linha] equinocial, para o Polo Antártico. Com efeito, o seu princípio começa a oito graus além da mesma linha equinocial. Seguindo o litoral deste, tanto navegávamos que, ultrapassado o Trópico de Capricórnio, encontramos o Polo Antártico 50 graus acima de seu horizonte. E fomos perto do próprio Círculo Antártico 17 graus e meio. E o que aí vi e conhecemos sobre a natureza daquelas gentes, de seus costumes e tratabilidade, da fertilidade da terra, da salubridade do ar, da disposição do céu e dos corpos celestes e, máxime, das estrelas fixas da oitava esfera, nunca vistas ou tratadas pelos nossos antepassados, narrarei em seguida.

Primeiro, pois, sobre os povos. Encontramos naquelas regiões tanta multidão de gente quanto ninguém poderá enumerar, como se lê no *Apocalipse*, gente, digo, mansa e tratável. Todos, de ambos os sexos, andam nus, sem cobrir nenhuma parte do corpo; como saem do ventre materno, assim vão até a morte. Com efeito, têm os corpos grandes, quadrados, bem-dispostos e proporcionais,

com cor tendendo para o vermelho, o que lhes acontece, julgo, porque, andando nus, são bronzeados pelo sol. Têm o cabelo amplo e negro: são ágeis no andar e nos jogos, de rosto afável e bonito, que, contudo, eles mesmos destroem. Com efeito, eles perfuram as maçãs do rosto, os lábios, as narinas e a orelha. Nem julgues que aqueles furos sejam pequenos ou que tenham apenas um. Na realidade, vi alguns tendo só no rosto sete buracos, em qualquer um dos quais era capaz de [caber] uma única ameixa. Tapam esses seus furos com pedras azuis, marmóreas, cristalinas e de alabastro, belíssimas, com ossos branquíssimos e outras coisas elaboradas artisticamente, conforme o uso deles. Ficarias admirado se visses coisa tão insólita, semelhante a monstro, a saber: um homem com sete pedras – das quais algumas são do tamanho de meio palmo – nas maçãs do rosto ou somente nos maxilares e nos lábios. Com efeito, muitas vezes considerei e julguei que tais sete pedras pesariam 16 onças. Além de que, em cada orelha têm perfurado três buracos com outras pedras pendentes em anéis. Esse costume é só dos homens. Realmente, as mulheres não perfuram o seu rosto mas somente as orelhas.

Outro costume deles bastante enorme e além da humana credibilidade: na realidade, as mulheres deles, como são libidinosas, fazem intumescer as virilhas dos maridos com tanta crassidão que parecem disformes e torpes; isto por algum artifício e mordedura de alguns animais venenosos. Por causa disso, muitos deles perdem as virilhas – que apodrecem por falta de cuidado – e se tornam eunucos.

Não têm panos nem de lã, nem de linho, nem de seda porque não precisam deles. Nem têm bens próprios, mas todas as coisas são comuns. Vivem ao mesmo tempo sem rei e sem comando, e cada um é senhor de si mesmo. Tomam tantas mulheres quantas querem: o filho copula com a mãe; o irmão, com a irmã; e o primo, com a prima; o transeunte e os que cruzam com ele. Quantas vezes

querem, desfazem os casamentos, nos quais não observam nenhuma ordem. Além do mais, não têm nenhum templo, não têm nenhuma lei, nem são idólatras. Que mais direi? Vivem segundo a natureza e podem ser considerados antes do que epicuristas do estoicos. Entre eles não há mercadores nem comércio das coisas.

Os povos geram guerras entre si sem arte nem ordem. Os mais velhos, com certos discursos, dobram os jovens para aquilo que querem e incitam para as guerras, nas quais matam cruelmente e mutuamente. E, aqueles que conduzem cativos de guerra, conservam não por causa da vida deles, mas para matá-los por causa de sua alimentação. Com efeito, uns aos outros, os vencedores comem os vencidos.

Dentre as carnes, a humana é para ele alimento comum. Dessa coisa, na verdade, ficais certo, porque já se viu pai comer os filhos e a mulher. Conheci um homem, com o qual falei, do qual se dizia ter comido mais de 300 corpos humanos. Também estive 27 dias em certa cidade onde vi carne humana salgada suspensa nas vigas das casas, como é de costume entre nós pendurar toucinho e carne suína. Digo mais: eles se admiram de não comermos nossos inimigos e de não usarmos a carne deles nos alimentos, a qual, dizem, é saborosíssima.

As armas deles são arcos e flechas. E, quando se preparam para as guerras, não cobrem nenhuma parte do corpo para se proteger, de modo que nisso são semelhantes a bestas. Nós nos esforçamos quanto pudemos para dissuadi-los a afastar-se de seus costumes depravados, e eles nos prometeram que renunciariam àquilo.

As mulheres, como disse, embora andem nuas e sejam libidinósissimas, têm contudo os corpos formosos e limpos, não são tão torpes quanto talvez se pudesse estimar porque, já que são carnudas, aparece menos a sua torpitude, que, a saber, é coberta pela maior parte da boa qualidade da corporatura. Extraordinária visão para nós é que, entre elas, nenhuma parecia que tivesse as

mamas caídas. E as que pariam nada se distinguiam das virgens na forma e contratura do ventre; pareciam iguais nas partes restantes dos corpos, o que omito de propósito, por virtude. Quando podiam juntar-se aos cristãos, impelidas pela forte libido, contaminavam e prostituíam toda pudicícia.

Vivem 150 anos. Raramente ficam doentes. Se adoecem, curam-se com raízes de algumas ervas. Essas são as coisas mais notáveis que conheci sobre eles. Ali o ar é muito temperado e bom, e – pelo que pude conhecer da relação com eles – nunca [houve] peste ou outra doença oriunda da corrupção do ar. Se não morrem de morte violenta, vivem longa vida. Creio [nisso] porque aí sempre sopram os ventos austrais e, principalmente, o que chamamos euro, que é tal para eles o que para nós é o aquilão.

São pescadores aplicados. Aquele mar é piscoso e copioso em todo o gênero de peixes. Não são caçadores. Creio [que é] porque ali há muitos gêneros de animais silvestres, principalmente de leões e ursos, inúmeras serpentes e outras bestas horríveis e disformes e também porque ali há largas e longas selvas e árvores de imensa magnitude, e não ousam expor-se nus, sem proteções e armas, a tantos perigos.

A terra daquelas regiões é muito fértil e amena, com muitas colinas, montes, infinitos vales, abundante em grandíssimos rios, banhada de saudáveis fontes, com selvas amplíssimas e densas, pouco penetráveis, copiosa e cheia de todo o gênero de feras. Ali principalmente as árvores crescem sem cultivador, muitas das quais dão frutos deleitáveis no sabor e úteis aos corpos humanos; outras não dão nada. E nenhuns frutos ali são semelhantes aos nossos. Ali são produzidos inúmeros gêneros de ervas e raízes das quais fabricam pão e ótimas iguarias. Há muitas sementes totalmente diferentes dessas nossas.

Ali não há nenhum gênero de metais, exceto ouro, que abunda naquelas regiões, embora nada dele trouxemos conosco nessa nossa primeira navegação. Disso nos deram notícias os íncolas,

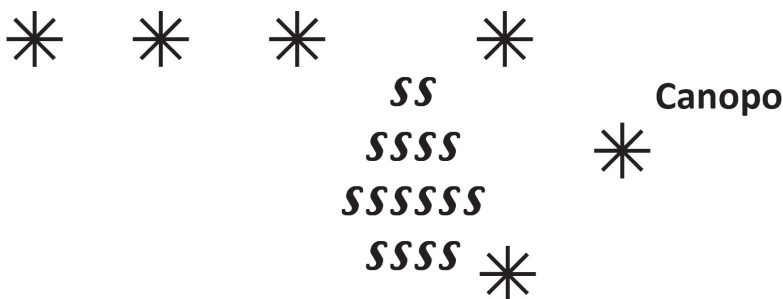
que afirmavam haver grande cópia de ouro nos mediterrâneos, por eles nada estimado ou tido em apreço. Abundam as pérolas, como te escrevi.

Se quisesse lembrar cada coisa que ali existe e escrever sobre os numerosos gêneros de animais e a multidão deles, a coisa se tornaria totalmente prolixa e imensa. Creio certamente que o nosso Plínio não tocou a milésima parte do gênero dos papagaios, nem de outras aves e animais que nas mesmas regiões existem com tanta diversidade de formas e cores que Policleto, artista de consumada pintura, fracassaria em pintá-los.

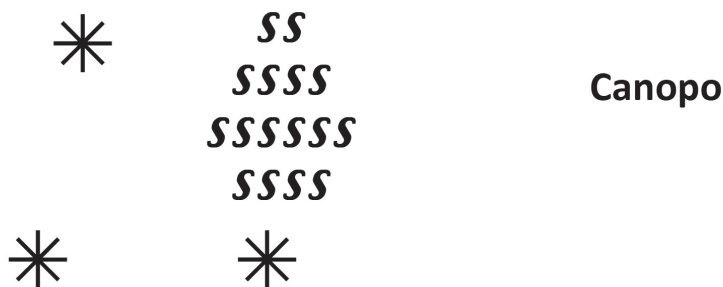
Ali todas as árvores são odoríferas e cada uma emite de si goma, óleo ou algum líquido cujas propriedades, se fossem por nós conhecidas, não duvido que seriam saudáveis aos corpos humanos. Certamente, se o paraíso terrestre estiver em alguma parte da terra, creio não estar longe daquelas regiões, cuja localização, como disse, é para o meridiano, em tão temperado ar que ali nunca há invernos gelados nem verões férvidos.

O céu e o ar, na maior parte do ano, são serenos e isentos de vapores espessos. As chuvas ali caem aos poucos e duram três ou quatro horas e desfazem-se como nuvens. O céu é ornado de sinais e figuras especiosíssimos, no qual anotei cerca de 20 estrelas de tanta claridade quanto algumas vezes vimos Vênus e Júpiter. Considerei os movimentos e giros delas e medi suas periferias e diâmetros com métodos geométricos e depreendi ser as de maior magnitude. Vi nesse céu três canopos, dois bem claros; o terceiro, escuro. O Polo Antártico não tem Ursa Maior e Menor – como aparece aqui no nosso Ártico –, nem junto dele se vê alguma estrela brilhante. E, dessas [estrelas] – que se movem na órbita menor, ao redor daquele [polo] –, três têm figuras de triângulos ortogonais; dessas, a metade da circunferência, o diâmetro, tem nove graus e meio. Quando essas [estão] a oriente, vê-se à esquerda um canopo branco de extraordinária magnitude, e, quando chegam ao meio do céu, apresentam esta figura:





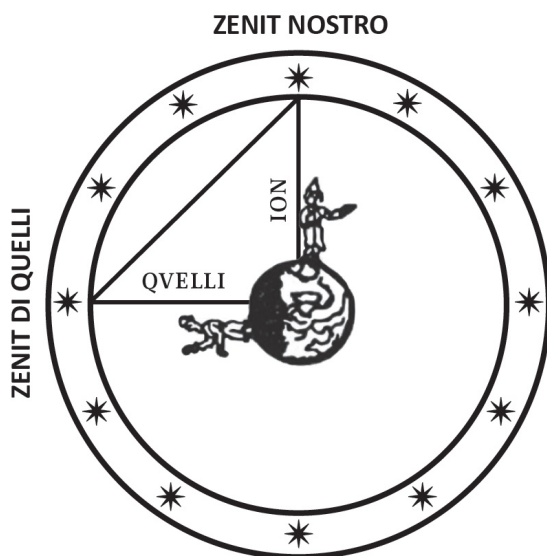
Depois dessas, vêm outras duas; dessas, a metade da circunferência, ou diâmetro, tem 12 e meio graus; e com elas se vê outro canopo branco. Seguem a elas outras seis formosíssimas e claríssimas estrelas, entre todas as outras da oitava esfera; na superfície do firmamento, a metade da circunferência, ou diâmetro, dessas [estrelas] tem 32 graus. Com elas percorre um canopo negro de imensa magnitude. São vistas na Via Láctea e, quando estão na linha meridional, têm a seguinte figura:



Nessa minha navegação conheci muitas outras estrelas pulquérrimas, das quais anotei diligentemente os movimentos e descrevi graficamente e com beleza num livrinho meu, que está presentemente com este sereníssimo rei; espero que ele me restitua.

Naquele hemisfério vi coisas que não estão de acordo com as razões dos filósofos. A Íris branca foi vista duas vezes por volta da meia-noite, não somente por mim, mas também por todos os nautas. Também, por várias vezes, vimos lua nova no dia em que se conjugava com o sol. Todas as noites, naquela parte do céu, cruzam inúmeros vapores e fachos luminosos. Pouco antes disse “naquele hemisfério”. Contudo, falando propriamente, não é um pleno hemisfério em relação ao nosso; porém, porque se aproximou daquela forma, permitiu-se, assim, ser chamado como tal.

Portanto, como disse, de Lisboa, de onde partimos – que dista 39 e meio graus da linha equinocial –, navegamos [mais] 50 graus para além da linha equinocial; os quais, somados, fazem cerca de 90 graus. Como tal soma atinge a quarta parte do grande círculo – segundo a verdadeira razão de medida legada a nós pelos antigos –, é manifesto que navegamos a quarta parte do mundo. Por essa razão, nós habitantes de Lisboa, a 39 e meio graus em latitude setentrional da linha equinocial, estamos – para aqueles que habitam 50 graus para além da mesma linha na latitude meridional – a um ângulo de cinco graus em linha transversal. Para que entendas mais claramente: enquanto estamos em pé, uma linha perpendicular pende em nossa cabeça, de um ponto alto do céu, para nosso vértice; para eles [a linha] pende do lado ou nas costas. Do que resulta que nós estamos em linha reta, e eles em linha transversal, formando um triângulo ortogonal de cuja linha fazemos a vez do cateto e eles da base; e a hipotenusa se estende de nós para o vértice deles, como aparece na figura abaixo. E essas coisas sobre cosmografia são suficientes.



Foram essas as coisas mais notáveis que vi nessa minha última navegação, que chamo de “terceira jornada”. Com efeito, houve outras duas navegações, as quais fiz para o Ocidente por mandato do sereníssimo rei dos espanhóis, nas quais anotei as coisas admiráveis realizadas por aquele sublime criador Deus nosso. Fiz diário das coisas mais notáveis para que, quando me for dado ócio, possa coligir cada uma de todas essas maravilhas e escrever um livro de geografia ou cosmografia para que minha memória viva para os pósteros. E seja conhecido tão imenso artifício de Deus onipotente, em parte desconhecido dos antigos e conhecido por nós. Desse modo oro para que o clementíssimo Deus prorogue os meus dias de vida, para que – com sua boa graça e saúde de minha alma – possa obter ótima disposição de minha vontade.

As outras duas jornadas conservo nos meus santuários. Aquele sereníssimo rei me restituindo a terceira jornada, tentarei voltar à pátria e ao descanso, onde poderei ocupar-me de terminar essa obra com os peritos e ter forças dos amigos para ser confortado e ajudado.

Peço-te vênia se não te envieí esta minha última navegação, ou antes, última jornada, como te fora prometido na minha última carta. Conheces a causa: ainda não pude obter o original deste sereníssimo rei. Penso comigo fazer ainda a quarta jornada; isto feito, já me foi feita promessa de dois navios com armamentos, para que eu me prepare para investigar novas regiões para o meridiano do lado do Oriente, pelo vento chamado áfrico. Nessa jornada, muitas coisas penso realizar, em louvor de Deus, utilidade deste reino e honra de minha velhice. E nada mais espero se não o consentimento deste sereníssimo rei. Deus permita o que for melhor. Saberás do que ocorrer.

O intérprete Giocondo verteu esta carta do italiano para o latim para que todos os latinos entendam quantas muitas coisas admiráveis são encontradas a cada dia e se comprima a audácia daqueles que querem perscrutar o céu e a majestade e saber mais do que é lícito, quando, desde o tempo que o mundo começou, são ignoradas a vastidão da Terra e as coisas que nela estão contidas.

Louvor a Deus.

*Ao Ilustríssimo Renato, Rei de Jerusalém da Sicília, Duque de Lorena e de Bar, Humilde Reverência e devida Recomendação.*

**P**ode ocorrer, ilustríssimo rei, que vossa majestade venha a admirar-se de minha temeridade, já que não receio escrever-lhe estas cartas tão prolixas, embora eu saiba que está de contínuo ocupadíssimo em árduas deliberações e frequentes negócios de Estado. Serei, talvez, considerado não só presunçoso, mas igualmente ocioso, atribuindo-me o trabalho de enviar também a ti matérias nada convenientes ao teu Estado, escritas em estilo nada deleitável, mas totalmente bárbaro (como se eu fosse homem iletrado, alheio a toda cultura) e dirigidas nominalmente a Fernando, rei de Castela. Mas aquela confiança que tenho em vossas virtudes e a reconhecida veracidade das coisas que seguem, que não foram descritas nem pelos antigos nem pelos modernos, talvez me absolvam diante de vossa majestade.

Antes de tudo, moveu-me a escrever o portador desta carta, Benvenuto, humilde criado de vossa majestade, amigo meu, impecável, que, achando-me em Lisboa, pediu-me que fizesse vossa majestade conhecedor do que vi nas quatro viagens por diversas regiões do mundo. Eu fizera quatro navegações para descobrir novas terras, das quais duas a mando de Fernando, notável rei de Castela, pelo grande seio do oceano a ocidente; as outras duas, por ordem de Manuel, rei de Portugal, para o austro. Assim, aferrei-me ao intento de escrever-lhe com a esperança de que vossa majestade não me excluísse do rol de seus servidores menores, ao recordar

que outrora mantivemos recíproca amizade em nossa juventude, quando ambos pelejávamos, nos embebendo dos rudimentos da gramática, guiados pela vida e doutrina do venerável Frei Giorgio Antonio Vespúcio, religioso de São Marcos, meu tio; oxalá pudesse eu seguir os passos de meu tio: agora, como diz Petrarca, eu seria totalmente diferente do que sou. Como quer que seja, não me peja ser quem sou, pois sempre encontrei máximo deleite na virtude e nos estudos. Se estas narrações em nada lhe agradarem, direi como Plínio ao escrever a Mecenas: “Outrora costumava deleitar-te com meus gracejos. E, ainda que vossa majestade esteja ocupado nos infindáveis negócios do Estado, poderá ao menos surrupiar-lhes vez ou outra um tantinho de tempo para ler estas cartas, que, embora ridículas, agradarão, porém, por sua novidade. Depois de acalmar as preocupações e meditar os negócios, provará com estas cartas não pouco deleite, tal como a erva-doce, que costuma, primeiro, dar aroma às refeições que se ingerem e, depois, tornar mais fácil a digestão. E, se eu for mais prolixo do que convém, peço desculpa. Passe bem.

Inclitíssimo rei, saiba vossa majestade que a razão primeira de ir-me àquelas regiões foi o comércio de mercadorias. E enquanto por quatro anos me ocupava nesses negócios, observando as várias mudanças de fortuna e vendo como os bens caidiços e passageiros às vezes mantêm no alto da roda, para em seguida precipitar ao fundo, o homem que podia dizer-se possuidor de muitas riquezas, decidi, depois de examinar vários outros casos deste tipo, abandonar tais negócios e estabelecer, como finalidade de meus trabalhos, empresas dignas de maior louvor e mais estáveis. Preparei-me assim para contemplar as várias partes do mundo e ver suas diversas maravilhas, empresa a que se mostraram oportunos a ocasião e o lugar, pois o próprio rei de Castela, Fernando, então aparelhava quatro naus para descobrir novas terras a ocidente, e

sua alteza, para realizar esta busca, escolheu-me para integrar o empreendimento.

Zarpamos no dia 20 de maio de 1497 do porto de Cádiz, tomando nosso rumo pelo grande seio do oceano, e na expedição consumimos 18 meses, encontrando muitas terras firmes, ilhas inumeráveis, quase sempre habitadas, das quais nossos antepassados não fizeram menção alguma, donde creio que os antigos não tiveram notícia delas. E, se a memória não me engana, lembro-me de ter lido em algum lugar que supunham ser vazio o mar e sem homens, de cuja opinião foi Dante, nosso poeta, quando, no capítulo 18 do *Inferno*, forja a morte de Ulisses. As maravilhas que vi, vossa majestade conhecerá na sequência do relato.

### **Primeira Navegação**

*Descrição das várias terras e ilhas de que os antigos autores não fizeram menção, recentemente descobertas a partir do ano de 1497 da encenação do Senhor em quatro navegações, duas ao mar ocidental para D. Fernando de Castela e as duas restantes ao mar austral para D. Manuel de Portugal, reis sereníssimos. Sobre estas terras e ilhas faz a narração Américo Vespúcio, um dos principais capitães e pilotos das naus, ao citado D. Fernando, rei de Castela.*

No ano do Senhor de 1497, no dia 20 do mês de maio, partindo do porto de Cádiz com quatro naus de conserva, vento soprando entre meio-dia e libeço, atingimos na primeira etapa as ilhas outrora chamadas Afortunadas, mas agora Grande Canária, situadas ao fim do Ocidente habitado no terceiro clima – sobre o qual o polo setentrional se eleva 27 graus e dois terços fora do horizonte delas –, distantes 280 léguas desta cidade de Lisboa, na qual escrevo o presente opúsculo. Ali consumimos quase oito

dias provendo-nos de lenha, água e demais necessidades, e, tendo antes de tudo feito oração a Deus, demos velas ao vento e começamos nossa navegação ao poente, tomando uma quarta de libecho.

A viagem transcorreu de tal modo que em apenas 27 dias chegamos a certa terra que julgamos firme, distante cerca de mil léguas das ilhas da Grande Canária, fora do que está habitado na zona tórrida, fato que se evidenciou certo, porque, conforme todos os instrumentos mostravam, o polo setentrional se elevava 16 graus acima do horizonte desta terra e 75 graus a ocidente das ilhas da Grande Canária. Neste local, lançadas as âncoras, aportamos nossa frota a légua e meia da costa e, com alguns batéis, providos de armas e gente, atingimos a praia propriamente dita. Assim que ali chegamos, percebemos inumerável quantidade de pessoas nuas caminhando, o que nos tocou de não pequena alegria, pois todos eles, que estavam nus, pareciam também estar admirados por nossa causa, porque, segundo penso, nos viam vestidos e de aparência diversa da sua.

Vendo que chegáramos, fugiram todos a um monte vizinho, donde então não pudemos, com gestos ou qualquer sinal de paz e amizade, atraí-los e aproximá-los de nós. Entretanto, caindo a noite, temendo que nossa frota permanecesse em lugar pouco seguro, sem abrigo algum contra tempestades, decidimos em comum que partiríamos dali ao amanhecer para buscar um porto em que pudéssemos atracar as naus com segurança.

Tomada esta decisão, com vento soprando em direção à costa, nos fizemos à vela, seguindo com a terra à vista e observando continuamente gente na orla da praia, e, depois de navegar dois dias inteiros, encontramos lugar bem adequado às naus. Ali demos fundo a somente meia légua da terra seca, onde vimos incontável multidão de pessoas. Desejando olhá-las de perto e falar com elas, naquele mesmo dia nos aproximamos da orla em batéis e de



pronto, com cerca de 40 homens em boa ordem, saltamos em terra. Mas aquela gente mostrava-se tão alheia a nós e à nossa companhia que não houve modo de fazê-los conversar e comunicar-se conosco, exceto uns poucos, aos quais, depois de muito esforço, atraímos até nós, dando-lhes guizos, espelhos, contas de vidro e outras bagatelas e quinquilharias semelhantes: então, estando já seguros, vieram ter conosco e também tratar da paz e da amizade. Sobrevindo a noite, depois de nos despedir, os deixamos e voltamos aos nossos navios.

Ao amanhecer do dia seguinte, na praia vimos outra vez infinita multidão de homens e mulheres carregando consigo seus filhos, e percebemos que haviam trazido todos os seus utensílios, como se dirá adiante no lugar oportuno. Muitos deles, mal nos aproximamos da terra, lançaram-se ao mar e, como são exímios nadadores, vieram nadando até nós à distância de um tiro de besta. Acolheram-nos muito humanamente e misturaram-se conosco com grande despreocupação e confiança, como se já nos houvéssemos encontrado antes e mantido por muito tempo relações frequentes de igual para igual, o que nos encheu então de não pequeno contentamento. Falaremos de permeio também sobre seus costumes, tais como os vimos possuir, uma vez que se apresenta aqui a oportunidade.

### *Dos costumes e modos de viver destas gentes*

Quanto à vida e aos costumes, todos, tanto varões quanto mulheres, andam totalmente nus, sem outra cobertura nas pudendas do que as que trouxeram ao sair do ventre. São de estatura mediana, muito bem proporcionados, sua carne tende ao vermelho, como o pelo do leão. Se andassem vestidos, creio que seriam tão brancos quanto nós. No corpo não há outro pelo senão os cabelos,

que os têm compridos e negros, sobretudo as mulheres, a quem faz belas a cabeleira assim longa e negra. Não têm o rosto muito bonito, porque possuem largas as faces, semelhantes às dos tártaros; não deixam crescer nenhuma pilosidade nos supercílios, nas pálpebras e em todo o corpo, com exceção da cabeça, porque ter pelos consideram coisa de animais.

Todos, homens e mulheres, quer andando, quer correndo, são leves e velozes, pois, como amiúde percebemos, mesmo as mulheres consideram ninharia percorrer uma ou duas léguas, e nisso eles em muito nos superam, a nós cristãos. Nadam maravilhosa-mente, mais do que é possível crer, muito melhor as mulheres do que os homens, como observamos com frequência, pois vimos que as mulheres, sem nenhum apoio, percorriam a nado duas léguas no mar. Suas armas são o arco e flecha, que sabem fabricar com precisão. Carecem de ferro e de outros metais, mas, em vez do ferro, armam suas flechas com dentes de animais e de peixes, e costumam queimá-las para fazê-las mais resistentes. Os flecheiros são exímios, a tal ponto que ferem com seus dardos o que quise-rem, e em alguns locais até as mulheres são excelentes flecheiras. Possuem também outras armas, como lanças, estacas pontiagudas e clavas cuja extremidade é admiravelmente trabalhada.

Estão muito acostumados a lutar com povos vizinhos, que falam outra língua, contra os quais, não poupando a ninguém se- não para reservar-lhes tormentos mais terríveis, guerreiam muito cruelmente. E, quando vão à batalha, levam consigo as esposas, não para combater, mas para carregar atrás deles as coisas neces- sárias, já que uma mulher dessas pode carregar e levar nas costas por 30 ou 40 léguas peso maior do que pode levantar da terra um homem por mais forte que seja, tal como vimos tantas vezes. Não têm nenhum capitão nem chefe algum de guerra, mas, ao contrário, caminham sem manter ordem, porque cada um deles é

senhor de si. Não guerreiam para reinar ou estender seu domínio, ou por desordenada cobiça, mas só por antiga inimizade, nascida há muito tempo: interrogados sobre a causa da inimizade, não indicam nenhuma, a não ser vingar a morte dos antepassados. Esta gente, que vive em liberdade sem obedecer a ninguém, não tem rei nem senhor, mas se inflama e se prepara intensamente para a guerra, se os inimigos matam um dos seus ou o mantêm prisioneiro. Nesse caso, erguendo-se intempestivamente, um parente mais velho do prisioneiro sai a correr pelas praças, gritando sem parar pelas ruas, chamando a todos, convidando e persuadindo-os a apressar-se a acompanhá-lo à guerra e vingar a morte de seu parente: todos logo movidos pela compaixão preparam-se para a guerra e de repente irrompem sobre seus inimigos.

Não observam nenhum direito e nenhuma justiça, não punem os malfeitores, mas, ao contrário, os próprios pais não educam nem repreendem seus pequenos. E com surpresa raramente os vimos altercar-se entre si. Mostram-se simples no trato, mas na verdade são muito ladinos e astutos. Falam pouco e em voz baixa. Usam os mesmos acentos que usamos. Formam na maior parte das vezes as palavras entre os dentes e os lábios e usam palavras diferentes das nossas. São muitas as variedades de idioma, pois de cem em cem léguas encontramos uma diversidade de línguas nada compreensíveis umas em relação às outras.

Possuem modo bárbaro de comer e não se alimentam em horas precisas, mas, noite ou dia, toda vez que lhes dá vontade. Para comer acomodam-se no chão e, como carecem de panos e outros tecidos, não possuem toalhas nem guardanapos. As refeições e víveres eles os depositam em vasos de barro que eles mesmos fabricam ou em meias cabaças de abóbora. Dormem numas grandes redes feitas de algodão e suspensas no ar: por mais que pareça insólito e incômodo, eu, porém, considero esse modo de dormir

muitíssimo agradável, porque, tendo tido várias vezes que dormir nessas mesmas redes, percebi que nelas era melhor do que nas mantas que levávamos.

São limpos e aseados de corpo porque se lavam com muita frequência. E, quando vão evacuar – que eu o diga com todo respeito –, constrangidos, fazem tudo para que ninguém os veja: mas o quanto nisso são decentes, ao urinar mostram-se sujos e desavergonhados, tanto homens quanto mulheres, pois de fato muitas vezes vimos que, estando a falar conosco, em nossa presença urinavam de modo muitíssimo despudorado.

Nenhuma lei, nenhum legítimo direito conjugal observam nos matrimônios; antes, qualquer um pode ter quantas mulheres deseja e depois repudiá-las quando quiser, sem que se considere o fato injúria ou desonra, e, nessa prática, homens e mulheres, indistintamente, usufruem da mesma liberdade. São pouco ciumentos, mas sumamente libidinosos, mais as mulheres que os homens: julgamos que devemos aqui calar, por pudor, os artifícios delas para satisfazer sua libido insaciável. São fecundíssimas para gerar filhos e durante a gravidez não evitam penosos trabalhos. Parem com levíssima, quase nenhuma dor, de modo que no dia seguinte já caminham, alegres e refeitas, por toda parte. Em especial, depois do parto, vão lavar-se em algum rio, de onde reaparecem sãs e limpas como peixes. São elas capazes de entregar-se a tal crueldade e a ódio tão maligno que, se por acaso os maridos as importunam, logo preparam certo veneno com o qual, movidas por imensa ira, matam no útero os próprios fetos e em seguida abortam, motivo por que morrem inúmeras crianças.

Têm o corpo belo, elegante e bem-proporcionado, e não se lhes pode ver nenhum defeito. E, ainda que andem nuas, as partes pudendas são tão decorosamente colocadas entre as pernas que não se pode vê-las. Além disso, aquela região anterior, que, para usar

palavra mais pudica, chamamos púbis, nelas é também algo que a própria natureza dispôs de maneira que nada se vê que não seja honesto. Entretanto, ninguém se preocupa com isso, porque, para ser breve, não são mais afetados pela visão das partes pudendas do que nós por olhar a boca ou o rosto. Eu consideraria fato admirável que, entre eles, uma mulher tivesse, de tanto parir, carnes e seios flácidos e ventre enrugado, pois que todas, após o parto, sempre se mostram inteiras e firmes, como se nunca tivessem parido. Mostram-se muito desejosas de unir-se a nós.

Vimos que naquela gente ninguém observa lei alguma, não podendo com motivo sólido ser considerados judeus ou mouros, já que são muito piores que os próprios gentios ou pagãos, pois não notamos que fizessem sacrifícios ou que possuíssem locais ou casas de oração. A vida que levam, de todo voluptuosa, considero epicurista.

As habitações são comuns a todos, e as casas são construídas à semelhança de sinos, firmemente consolidadas com grandes árvores, cobertas no alto com folhas de palmeira, muitíssimo seguras contra ventos e tempestades, e tão grandes em alguns locais que numa só vimos que havia 600 pessoas. Entre essas, encontramos oito casas ocupadíssimas, a tal ponto que nelas moravam até 10 mil almas. A cada oito ou sete anos, transferem as moradias e habitações, e, quando lhes perguntamos o motivo, deram uma resposta natural, dizendo que o calor do sol violento é que os obrigava, porque residir por longo tempo no mesmo lugar sob tal calor tornava o ar infestado, causando-lhes várias doenças, argumento que não nos pareceu mal-acolhido.

Sua riqueza são plumas de aves de cores várias, lâminas e contas que fazem de ossinhos de peixe e de pedrinhas verdes ou brancas, à maneira daquelas contas maiores que no rosário chamamos pai-nosso. Penduram-nas como adorno nas faces, lábios e orelhas.

Têm por riqueza outras futilidades e ninharias semelhantes a que não damos nenhum valor. Não fazem nenhuma troca ou comércio para comprar ou vender, bastando-lhes o que espontaneamente a natureza oferece; ouro, pedras preciosas, joias, que na Europa consideramos riquezas, em nada estimam, mas desprezam de todo e não se preocupam em possuir. São naturalmente tão generosos para dar que não negam nada que se lhes pede, e, assim como para dar são generosos, assim também são avidíssimos para pedir e receber, se se mostram amigos de alguém. Nesse caso, dão prova máxima de sua amizade ao oferecer as próprias esposas e filhas aos amigos para que as possuam à vontade, e nisso tanto o pai quanto a mãe se julgam imensamente honrados quando alguém se digna a tomar uma filha, ainda que virgem, para com ela se deitar, por estabelecer-se com isso profunda amizade.

Quando alguém morre, têm muitos e variados modos de fazer as exéquias: uns sepultam e enterram os defuntos, pondo-lhes junto à cabeça água e víveres com que poderão alimentar-se, segundo creem, e então por eles não fazem luto nem outras cerimônias. Em certos lugares, utiliza-se um modo extremamente bárbaro e desumano de sepultamento, pois, quando julgam que alguém se aproxima da hora de morrer, os parentes o levam até uma grande floresta, onde, colocado naquelas redes de algodão em que dormem, presas entre duas árvores, suspendem-no ao ar e, em seguida, tendo dançado em volta dele assim suspenso por um dia inteiro, ao cair da noite, colocam-lhe ao lado da cabeça água e outros víveres com que possa viver durante uns quatro dias. Depois, deixando-o ali pendurado, sozinho, voltam para casa. Se depois o doente se alimentar e sobreviver e, convalescendo até recobrar a saúde, por si mesmo voltar para casa, a família e os parentes o acolhem com grande festa. Mas pouquíssimos são os que superaram tamanho perigo, porque ninguém vai visita-los, e, se morrem

ali, não têm depois nenhuma sepultura. Mas muitos têm também outros ritos bárbaros, que omitimos por evitar prolixidade.

Nas doenças e indisposições, utilizam muitos e variados medicamentos, tão diferentes e distintos dos nossos que não nos causava pequena admiração alguém conseguir curar-se. De fato, como observamos com frequência, se alguém era acometido de febre, na hora em que atacava com mais intensidade, imergiam e banhavam o doente em água gelada, depois faziam-no correr e correr por duas horas em torno de um grande fogo até se aquecer muito, para enfim porem-no para dormir. Com este tratamento, vimos muitos recobrar a saúde. Com muita frequência usam também dieta em que resistem por três ou quatro dias longe de comida e bebida. Fazem igualmente sangria, não nos braços com exceção da axila, mas no dorso e nas panturrilhas. Provocam vômitos com certas ervas que levam constantemente na boca como medicamento e servem-se de muitos outros remédios e antídotos que seria longo enumerar. Têm muito sangue e humor fleumático por causa de sua alimentação, que consiste em raízes, frutas, ervas variadas e peixe. Não possuem semente de trigo ou de qualquer outro grão, e sua comida ou alimento ordinário é uma raiz de árvore que reduzem a uma farinha muito boa, e essa raiz uns a chamam iúca, outros, cambi, outros ainda, inhame.

Muito raramente comem outra carne que não a humana e mostram-se tão desumanos e brutais ao devorá-la que superam as feras e os animais. Homens e mulheres indistintamente comem todos os inimigos que matam ou mantêm prisioneiros com tal feridade que nada de mais cruel e brutal se pode dizer ou ver. Eu mesmo com frequência em vários locais tive ocasião de vê-los assim ferozes e desumanos, e eles se admiravam de que nós, de modo algum, comêssemos nossos inimigos.

E vossa régia majestade tenha por certo que seus costumes, que os têm muitos, são tão bárbaros que não poderão ser agora

aqui descritos a contento, e, uma vez que nessas minhas quatro navegações vi tantas e tão variadas coisas de nossos costumes e modos tão diversas, decidi então escrever, e escrevi, um certo livrinho, que chamo *Quatro Diários ou Quatro Navegações*, no qual a maior parte das coisas que vi reuni ordenadamente segundo a tibiez de meu pequeno engenho. Contudo, não o publiquei ainda. Como lá se abordará toso o assunto mais particular e individualmente, dou prosseguimento aqui apenas ao que é geral e volto à nossa primeira navegação para completá-la, já que fizera pequena digressão.

No começo desta navegação, nada vimos de notável proveito – creio que por não compreendermos a língua –, exceto por certas mostras de ouro, que alguns indícios demonstravam existir na terra, terra esta tão boa, pelo sítio e posição, que dificilmente pode haver outra melhor. Concordamos, porém, em deixá-la e seguir para mais longe. Tomada por unanimidade esta decisão, a partir dali sempre costeando a terra, fazendo muitas voltas e escalas, mantendo todo o tempo encontro com muitos e variados habitantes daqueles locais, depois de alguns dias chegamos enfim a um porto no qual aprouve ao Onipotente tirar-nos de grande perigo, pois, assim que adentramos o porto, encontramos uma população, isto é, um distrito ou vila, colocada sobre as águas, como Veneza, na qual havia cerca de 20 grandes casas, construídas à guisa de sinos, como já se referiu, e firmemente fundadas sobre estacas de madeira, sólidas e fortes, diante de cujos portais se estendiam pontes levadiças por meio das quais se passava de uma casa à outra como se por uma estabilíssima calçada.

Os habitantes deste povoado, assim que nos viram, foram tomados de grande medo, e, pois, de imediato todos elevaram as pontes como precaução contra nós e em seguida se recolheram em suas casas. Enquanto, com grande admiração, observávamos



esse fato, eis que, ao mesmo tempo, uns 12 barquinhos – cada um deles escavado a partir do tronco das árvores, que é o tipo de embarcação que utilizam – vimos aproximar-se de nós pelo mar: seus marinheiros admiravam nosso rosto e trajas e, dando voltas ao nosso redor, olhavam-nos de longe. De nossa parte, nós também os observávamos e lhes demos muitos sinais de amizade com que os exortamos a se aproximar de nós sem medo, o que, porém, declinaram fazer. Diante disso, pusemo-nos a remar até eles, que, não querendo de modo algum nos aguardar, imediatamente fugiram por terra, tendo-nos feito, porém, sinal para que os esperássemos, pois logo retornariam. Subiram correndo até um monte vizinho, de onde tiraram 16 moças e, tendo-as colocado junto consigo nos mencionados barquinhos, regressaram até nós. Puseram quatro delas em cada um de nossos navios, feito que nos encheu então de não pouca admiração, como vossa majestade pode avaliar. Depois, dirigiram seus barcos por entre nós e nossos barcos e falaram conosco tão pacificamente que os consideramos amigos nossos, muito fiéis.

Entrementes, eis que um grande número de pessoas, saindo das referidas casas, começou a nado a chegar até nós. E, ainda que viessem e já se aproximassem de nossos batéis, nem por isso suspeitávamos de mal algum, mas então, junto às portas daquelas casas, vimos algumas velhas que, dando horríveis berros, enchendo o céu de grandes brados, como sinal de grande inquietação, arrancavam os próprios cabelos. Isso nos trouxe grande suspeita de maldade. De repente, aquelas jovens que eles haviam posto em nossos batéis logo se lançaram ao mar, enquanto os que estavam nos barquinhos, afastando-se de nós, de pronto estenderam arcos e setearam-nos com muita dureza. Os que vinham a nado traziam, cada um, lanças ocultas na água, com o que conhecemos sua traição.

Começamos, então, não só a nos defender com valentia, mas a atacá-los com rigor, a ponto de destruímos vários barcos e pô-los a pique com não pequena matança, pelo que, abandonando o resto dos barcos já com enorme estrago, a nado fugiram para a terra, tendo sido mortos cerca de 20 de seus homens e feridos muito mais, ao passo que dos nossos apenas cinco, todos, graças a Deus, já recuperados. Prendemos duas das referidas moças e três homens e, em seguida, visitamos suas casas e entramos nelas, mas não encontramos ninguém, a não ser duas velhas e um homem só, doente. Não quisemos incendiar as casas por um temor escrupuloso de fazê-lo. Depois, remamos aos navios com os cinco prisioneiros mencionados e lhes pusemos grilhões, exceto nas moças. As três moças e um dos homens naquela noite lograram com muita sutileza escapar.

No dia seguinte, concordamos em deixar aquele porto e avançar ao largo da costa e, depois de percorrer umas 80 léguas, encontramos outra gente, de todo diferente da anterior pela língua e pelo trato. Decidimos ancorar ali nossa frota e com nossos botes alcançar a terra firme. Vimos que na orla da praia havia uma multidão, cerca de quatro mil pessoas, que, ao perceber que nos aproximávamos, não quiseram de modo algum nos esperar, mas, deixando atrás tudo o que tinham, fugiram todos para os bosques e florestas. Saltamos em terra e, depois de percorrer, por um cantinho que levava à floresta, à distância de um tiro de besta, logo encontramos muitas cabanas que aquela gente ali erguera para pescar, nas quais acenderam o fogo para cozinhar as refeições, e de fato já se assavam animais e muitos peixes de várias espécies.

Vimos que se assava ali certo animal que, exceto pelas asas, que não tinha, era muito semelhante à serpente e parecia tão bruto e selvagem que nos espantávamos muito de sua ferocidade. Caminhando adiante pelas mesmas cabanas, encontramos vivas

inúmeras serpentes como esta, que, atados os pés, tinham a boca amarrada com uma espécie de corda para que não a abrissem, como se costuma fazer com cães e outros animais para que não possam morder. O aspecto delas é muito feroz, e, considerando-as venenosas, não ousamos tocá-las. Têm a mesma altura de um cabrito, com braça e meia de comprimento; pés longos e robustos, armados de unhas bem fortes; pele de muitas cores. Possuem focinho e a aparência de verdadeira serpente, de cujas narinas por sobre o dorso até a ponta da cauda se estende um tipo de pelo espesso ou cerda, de modo que julgamos que aqueles animais eram de fato serpentes, e, não obstante, aquela gente as come.

Fazem pão a partir de peixes que pescam no mar: primeiro cozinham os peixes menores na água fervente por breve tempo; depois sovam, amassam e os aglutinam em forma de pão, assam-nos sobre a brasa e enfim os comem. Provamos desses pães e os achamos muito bons. Outras comidas e alimentos encontram em várias frutas e raízes, que seria longo enumerar.

Como não voltavam das florestas para onde haviam fugido, nada quisemos levar de suas coisas para que se sentissem mais seguros a nosso respeito, mas, ao contrário, nas cabanas deixamos várias de nossas quinquilharias onde as pudessem ver e voltamos aos navios ao cair da noite. No dia seguinte, quando o sol nascia, vimos que havia uma infinidade de pessoas na praia e então saltamos em terra para encontrá-los. E, ainda que se mostrassem temerosos, misturaram-se a nós e começaram a tratar e conversar conosco, demonstrando que viriam a ser amigos, e indicaram que aquelas casas não eram suas e que tinham vindo ali para pescar. Assim, pediram que fôssemos com eles até seu povoado, pois que nos queriam receber como amigos. Havia tomado por nós esta amizade porque aqueles dois prisioneiros que fizéramos eram seus inimigos.

Diante de sua grande e importuna insistência, decidimos que 23 dos nossos os [acompanhariam] bem armados, com a firme disposição de morrerem valentemente, se fosse necessário. Por três dias estiveram conosco e por três léguas caminhamos juntos, até que chegamos a um povoado com apenas nove casas, onde fomos acolhidos com tantas e tão bárbaras cerimônias que a pena não é capaz de escrever; como, por exemplo, danças e cantos, prantos em que misturavam alegria e hilaridade, não sem tabuleiros e muita comida. E lá ficamos aquela noite, quando, com toda prodigalidade, nos ofereceram suas próprias esposas, que nos solicitavam tão importunamente que mal conseguíamos resistir. Depois de estar ali uma noite e meio dia, grande e admirável quantidade de gente veio nos ver sem receio nem espanto. Os mais velhos pediam que com eles seguíssemos a outros povoados mais distantes, e assentimos. Não é fácil relatar quantas honrarias nos conferiram. Por nove dias inteiros fomos com eles a muitas populações, razão pela qual os companheiros que permaneceram nos navios relataram ter havido grande inquietação e temor.

Depois de penetrar umas 18 léguas em sua terra, decidimos tornar aos navios. E, na volta, a grande multidão de homens e mulheres que acorreram e nos seguiram até o mar causaria admiração. Se acaso um dos nossos se cansava do percurso, eles nos erguiam e, naquelas mesmas redes em que dormem, nos carregavam com muito zelo. Também na travessia dos rios, que ali são muitíssimos e caudalosos, transportavam-nos em seus artefatos com tanta segurança que não tememos perigo algum. Muitos deles nos acompanhavam carregados com os objetos que nos haviam dado, levando-os nas redes em que dormem: fartas plumagens, muitos arcos, muitas flechas e inúmeros papagaios de várias cores. Vários outros, portando toda a sua tralha, levavam até os animais. E algo direi admirável: que se considerava afortunado e feliz aquele que,

ao atravessarmos as águas, nos podia levar no pescoço ou nas costas.

Assim que chegamos ao mar e quisemos subir aos nossos botes, entre nossos acompanhantes houve grande agitação, pois lutavam para embarcar conosco, desejando ver nossos navios, e do peso por pouco nossos botes não afundaram. Acolhemos quantos pudemos e os conduzimos até os navios, mas outros tantos, a nado, chegaram concomitantemente conosco, e nos causou certo incômodo que viessem, pois, ainda que nus e desarmados, mais de mil entraram nos navios, admirando a aparelhagem, os artefatos, além da própria grandeza das naus.

Foi então que ocorreu um fato engraçado: desejando descarregar algumas de nossas peças de artilharia, assim que se tocou o fogo, ressoaram horrivelmente, e a maior parte daquelas pessoas, ao ouvir tamanho estrondo, atirou-se nadando ao mar, tal como costumam fazer as rãs postadas na margem do pântano, que, se acaso percebem algum tumulto, mergulham no mais fundo lodo; foi o que aquela gente fez, e os que permaneceram nos próprios navios ficaram de tal modo apavorados que nós nos repreendemos a nós mesmos por tê-lo feito. Porém, logo os asseguramos e não permitimos que permanecessem naquela ignorância, estupefatos, dando-lhes a entender que, com aquelas armas, matávamos inimigos. Depois de os tratarmos festivamente durante o dia todo nos navios, advertimo-lhes que nos deveriam deixar, já que desejávamos partir dali na noite seguinte, e, assim que o ouviram, logo partiram com grande amizade e benevolência.

Entre essa gente e em sua terra vi e conheci numerosos rituais em que não pretendo demorar-me, uma vez que vossa majestade poderá conhecê-los depois pelas passagens mais admiráveis e dignas de nota que registrei naquelas minhas viagens e reuni num livrinho que redigi em estilo geográfico e intitulei *Quatro Diários*,

no qual anotei cada coisa particular e minuciosamente. Até agora não publiquei porque é preciso revê-lo e cotejá-lo. Aquela terra é muito povoada de gente e cheia de numerosos e variados animais em nada semelhantes aos nossos, exceto os leões, ursos, cervos, javalis, cabras e gamos, que são só um pouco diferentes. Não possuem cavalos, mulas, burros, cães, nem rebanho algum de pequeno porte, como ovelhas e semelhantes, nem gado vacum. Entretanto, são tão abundantes em animais de várias espécies que não seria fácil referir, mas todos são selvagens e não têm a menor serventia em seus afazeres. Que mais dizer? São muito fartos de pássaros de todo tipo de cor e plumagem, coisa admirável de ver e narrar, pois aquela região é muito amena e frutífera, cheia de enormes bosques, que verdejam o tempo todo e nunca perdem as folhas. Possuem frutas incontáveis e totalmente diferentes das nossas.

Esta terra está na zona tórrida, logo abaixo do paralelo que descreve o Trópico de Câncer, de onde o polo se eleva 23 graus do horizonte no fim do segundo clima, Enquanto ali estávamos, enorme quantidade de gente veio ver-nos, admirados do aspecto e da nossa brancura, a quem, quando perguntavam de onde viéramos, respondíamos que tínhamos vindo do céu para ver a terra, que era aquilo em que acreditavam. Nessa terra pusemos pias batismais e instituímos fontes sagradas em que muitíssimos deles se fizeram batizar; passando, em sua língua, a chamar-se de *caraiibi*: isto é, homens de grande sabedoria. Essa província é chamada *Pária* pelos nativos.

Deixando depois esse porto e navegando ao largo da costa, mantendo sempre a terra à vista, percorremos 870 léguas, fazendo nesse ínterim muitos giros e voltas, tratando e conversando com muitos povos, e em vários lugares apanhamos ouro, mas não em grande quantidade, porque então bastava-nos encontrar aquelas

terras e saber se havia ouro nelas. E, estando a navegar já por 13 meses, com os massames e aparelhagem consumidos, os homens esgotados do trabalho, chegamos ao comum acordo de restaurar nossas naus, que em toda parte faziam água, e voltar para a Espanha. Estando assim unânimes, chegamos próximos a um porto, o melhor de todo o orbe, e, quando nele entramos com as naus, lá encontramos gente infinita que nos acolheu com grande amizade.

Naquela terra, com os restos de nossas naus e tonéis, construímos um naviozinho novo e pusemos em terra máquinas e canhões, que se deterioravam por causa da água em toda parte. Descarregados desse peso os navios e levados à terra, pusemo-nos a reparar, restaurar e recuperá-los por completo, atividade em que não foi pequeno o auxílio que os nativos nos prestaram: com todo afeto, de bom grado, prodigalizaram-nos espontaneamente seus víveres, de modo que consumimos ali muito pouco dos nossos. A isto consideramos imenso favor porque, com as poucas provisões de que dispúnhamos, não poderíamos ter voltado à Espanha sem enorme privação. Permanecemos ali 37 dias, com frequência dirigindo-nos com eles até os povoados, onde nos acolhiam com não pequena distinção.

Quando manifestamos o desejo de deixar aquele porto e retomar a navegação, queixaram-se de que havia um povo muito feroz e hostil que, em determinada ocasião do ano, vindo por mar, lhes invadia insidiosamente a terra e, quer à traição, quer pela força, matava muitos deles e os comia em seguida; a outros levavam prisioneiros à sua terra e às suas casas; os nativos mal podiam defender-se contra os invasores, dando a entender que habitavam uma ilha situada cerca de cem léguas mar afora. Contaram-nos este fato com tal comoção e queixume que, muito compadecidos, lhes demos crédito e prometemos vingá-los de tantas injúrias, razão

por que, alegrando-se imenso, se ofereceram espontaneamente a vir conosco, o que por várias razões recusamos, mas aceitamos sete deles, com a condição de que depois retornassem à casa por si sós, em seus barquinhos, já que de modo algum queríamos assumir o cuidado quanto a seu regresso, condição a que anuíram de bom grado. Deixando-os como grandes amigos, despedimo-nos.

Restaurados e reparados os navios, por sete dias navegamos os giros do mar, com vento soprando entre grego e levante, após o que encontramos muitíssimas ilhas, umas habitadas, outras desertas. Aproximando-nos de uma delas e lá ancorando, vimos imensa quantidade de gente, que chamava *Iti* aquela ilha. Depois de vê-los, chegamos mais perto da terra com botes e batéis guardados de homens robustos e três canhões, e distinguimos 400 homens com muitíssimas mulheres ao longo da praia. Todos eles, assim como se disse dos precedentes, andavam nus, tinham o corpo forte e pareciam guerreiros e valentes, uma vez que todos portavam armas, isto é, arco, flecha, lança, e muitos tinham adagas e escudos quadrados que carregavam com tanta facilidade para proteger-se que não lhes causavam nenhum embaraço quando lançavam flechas. Tendo com os botes nos aproximado da orla até a distância que percorre uma flecha, todos logo correram para dentro d'água e começaram a defender-se com imenso vigor, disparando setas, e não pudemos desembarcar. Todos tinham no corpo pinturas de cores diversas e eram ornados de variadas penas de pássaros. Quando aqueles que tinham vindo conosco os viram, avisaram-nos que, toda vez que se preparam para a guerra, se pintam e se ornam com plumas de aves. Com efeito, causaram tal embaraço à nossa entrada que fomos obrigados a disparar nossas pedreiras. Ouvido o estrondo e visto o impacto, percebendo que vários haviam tombado mortos, todos se recolheram à terra.

Então decidimos que 42 desembarcaríamos em sua perseguição e lutaríamos com grande afinco, o que fizemos, pois saltamos



à praia armados para atacá-los, mas opuseram ali enorme resistência, e por quase duas horas mantivemos de parte a parte luta igual, sem obter maior vitória, com exceção de uns poucos que nossos besteiros e artilheiros mataram com disparos. Isso ocorria porque se subtraíam com destreza de nós e de nossas espadas. Porém, nós enfim os perseguimos com tamanho empenho que de perto logramos golpeá-los a estocadas, o que os levou a pôr-se em fuga pelas florestas e bosques, deixando-nos vencedores do campo, ao passo que muitíssimos deles estavam mortos ou feridos. Não quisemos naquele dia persegui-los por mais tempo, por estar já muito fatigados, mas antes tornamos às naus com tal alegria dos sete homens que nos haviam acompanhado que mal podiam conter o gozo.

No dia seguinte, vimos aproximar-se da ilha um grupo grande de pessoas, fazendo soar cornos e outros instrumentos que usam na guerra: estavam também estes todos pintados e ornados de várias penas de pássaros, que era de admirar. Assim que os percebemos, voltamos a deliberar e decidimos que, se essa gente estivesse preparando hostilidades, todos nós nos agruparíamos sem perder de vista uns aos outros, fazendo de nossa parte todo esforço e diligência para torná-los amigos; se não aceitassem nossa amizade, havíamos então de tratá-los como inimigos e tornar eternamente escravos quantos conseguíssemos prender: e então, carregando todos as armas que podíamos, chegamos à praia reunidos. Eles, segundo penso, pelo temor de nossas bombardas, não opuseram a menor resistência a nosso desembarque, e assim que o completamos, agrupados em quatro companhias, cada uma com 57 homens comandados por um capitão, travamos longa batalha. Depois de intensa luta e encarniçado combate, mortos muitos nativos, obrigamos todos a fugir e os perseguimos até um povoado, onde fizemos 25 prisioneiros. Incendiamos o povoado

e voltamos aos navios com os 25 prisioneiros: do lado deles muitíssimos morreram ou ficaram gravemente feridos, ao passo que dos nossos morreu um só e feriram-se 22, que com a ajuda de Deus já recobram a saúde. Decidido e disposto o regresso à pátria, aqueles sete nativos que tinham vindo conosco, cinco dos quais se haviam ferido na guerra – utilizando um barquinho que levamos da ilha, acompanhados de sete escravos que lhes demos, três homens e quatro mulheres – com grande alegria retornaram, muito admirados de nossas forças.

Tomando o rumo da Espanha, atingimos o porto de Cádiz com 122 pessoas cativas no dia 15 de outubro do ano do Senhor de 1499. Isso é tudo que vimos digno de registro em nossa primeira navegação.

### **Sobre o percurso da Segunda Navegação**

Relatarei a seguir o transcurso da segunda navegação e o que então vi digno de memória. Dando início, partimos do porto de Cádiz num dia de maio do ano do Senhor de 1489, tomando logo após a partida o rumo das ilhas de Cabo Verde. Passando à vista das ilhas da Grande Canária, navegamos até chegar a certa ilha, chamada Ilha do Fogo, onde fizemos provisão de lenha e água, e seguimos viagem a vento libeche.

Depois de navegar 19 dias, atingimos uma terra nova, que julgamos ser firme, diante de outra já mencionada antes. Está situada na zona tórrida, fora da linha equinocial para a parte do austro, sobre a qual o polo meridional se eleva cinco graus fora de qualquer clima, e dista, segundo constava, 500 léguas a sudoeste das mencionadas ilhas. Ali vimos que os dias se igualam às noites em 27 de junho, quando o sol está no Trópico de Câncer.

A terra é toda encharcada, irrigada por grandes rios, mostrando-se sempre verde e coberta de árvores muito grandes e altas, e

vimos que ninguém a habitava. Paramos ali, ancoramos a frota e, soltos alguns botes, tentamos atingir a orla. Para encontrar alguma entrada, demos muitas voltas ali em torno e vimos, como já dito, estar tão largamente coberta da água dos rios que não havia local que não fosse inundado. Percebemos, porém, nesses rios, muitos sinais de que fosse terra habitada e bem populosa. Não logramos, porém, descer para observar estes sinais e decidimos voltar aos navios, como fizemos. Levantadas as âncoras, navegamos, seguindo a costa, entre levante e siroco, pois assim soprava o vento, tentando durante todo o tempo, por mais de 40 léguas, penetrar aquela ilha, esforço de todo vão, porque percebemos naquela parte do mar uma corrente tão violenta, de siroco a mistral, que não permitia que o mar ali fosse navegável. Por causa de tais inconvenientes, decidimos em comum desviar nosso curso para noroeste, e navegamos ao largo da costa até chegar a um porto em cuja entrada havia belíssima ilha e uma enseada belíssima.

Aproximando-nos para entrar, vimos uma multidão imensa de gente a umas quatro léguas de distância do mar, visão de que não nos alegramos pouco. Preparados os batéis para atingir a ilha, vimos aproximar-se do alto-mar um barquinho com muitas pessoas e decidimos atacá-las e prendê-las: pusemo-nos então a navegar em sua direção e, girando, formamos um círculo para que não pudessem escapar, e quanto a eles, empenhando-se também de sua parte, vimos que, com todos os remos erguidos, queriam dizer que pretendiam resistir com firmeza, e compreendemos que agiam dessa maneira para nos inspirar respeito, mas, quando perceberam que continuávamos a nos aproximar, puseram os remos na água e começaram a remar até a praia. Dispúnhamos, porém, de um barco de 45 toneladas, muito veloz, que de pronto ganhou o vento e os alcançou. Assim que surgiu a ocasião de atacá-los, distribuíram ordenadamente pelo barco os ocupantes

e o aparato e continuaram a navegar. Quando os ultrapassamos, tentaram fugir, mas de nossa parte, soltos alguns botes, tripulados com homens robustos, acreditando poder prendê-los, logo os perseguimos: depois de quase quatro horas de esforço, se aquela embarcação que os ultrapassara não retornasse para investir sobre eles, nós os teríamos perdido de vez. Quando se viram cercados por nossos barcos e botes, todos, mais ou menos 20 homens, a duas léguas da praia, pularam no mar. Perseguindo-os nos botes durante o dia inteiro, pudemos prender apenas dois, enquanto os demais se salvaram em terra.

No barquinho abandonado, havia quatro rapazes não nascidos daquela gente, mas raptados em terra estrangeira, de quem tinham decepado os membros viris, como se via pelas feridas recentes. Aquilo nos causou grande admiração. Depois que os recolhemos aos botes, com gestos nos deram a entender que eles os haviam raptado para comê-los, indicando ao mesmo tempo que aquela gente, feroz e cruel, comedora de carne humana, era chamada *canibal*.

Levamos o barquinho, tomando com nossos botes o caminho que eles haviam feito até a terra, paramos por breve tempo e ancoramos a apenas meia légua da praia. Como vimos muita gente a vagar ali, dirigimo-nos prontamente até lá com nossos botes, levando no barquinho apreendido os dois que apanháramos na perseguição. Mal tocamos o pé na terra, todos, recolhendo-se temerosos, fugiram para esconderijos dos bosques vizinhos. Então, soltando um daqueles que havíamos prendido, depois de dar-lhe várias provas de amizade e também vários guizos, campainhas e espelhos, dissemos-lhe que os que haviam fugido não deveriam sentir temor por nossa causa, já que desejávamos muito ser amigos. Ele foi, cumpriu diligentemente nosso pedido e da mata trouxe toda aquele gente, uns 400 homens e muitas mulheres. Desarmados, vieram até onde estávamos com nossos

botes, e então firmamos com eles boa amizade, restituindo-lhes aquele que mantivéramos preso. Devolvemos-lhes também o barquinho que havíamos apreendido e estava em poder de nossos companheiros junto às naus. Este barquinho, cavado de um único tronco de árvore, feito com grande habilidade, tinha 20 pés de comprimento e duas braças de largura. Assim que o reouveram, colocaram-no em local seguro do rio e repentinamente fugiram, sem querer mais tratar conosco: essa atitude bárbara revelou-nos serem de má-fé e condição. Entre eles vimos muito pouco ouro, que traziam nas orelhas.

Deixando aquela praia, navegando cerca de 80 léguas ao largo da costa, encontramos paragem segura para as naus e, assim que a adentramos, descobrimos admirável quantidade de pessoas, com quem, estabelecida amizade, fomos até muitos de seus povoados; lá receberam-nos com muita confiança e amabilidade; compramos 500 pérolas com um só guizo e uma pequena quantidade de ouro que nos deram de graça. Nessa terra bebem vinho espremido de frutas e sementes, como sidra ou cerveja branca e vermelha. Melhor, porém, é o que fazem dos pomos de mirra, dos quais, junto com muitos outros bons frutos, saborosos ao paladar e saudáveis ao corpo, comemos em abundância, já que chegáramos na propícia estação. A ilha é abundante de objetos e utensílios necessários, e a própria gente é boa no trato e mais pacífica do que outra qualquer que encontramos alhures.

Neste porto permanecemos 17 dias com grande prazer, e durante esse tempo vinham a nós quotidianamente muitos povos, admirados de nosso rosto e nossa brancura, sem falar da roupa, das armas e da grandeza de nossos navios. Relataram-nos também que havia a ocidente um povo hostil que possuía infinita quantidade de pérolas e que aquelas pérolas que então possuíam na verdade tinham tomado nas guerras movidas contra esses inimigos, Ensinaram-nos como nascem as pérolas e com efeito vimos que

era verdade o que diziam, como vossa majestade poderá perceber melhor mais tarde.

Deixado aquele porto e retomado o curso ao largo da mesma praia, à qual víamos continuamente afluir pessoas, [ancoramos] em outro porto para reparar uma de nossas naus, onde percebemos haver muita gente, com quem nem por força nem por demonstrações de amizade logramos entabular conversação, porque, quando desembarcávamos com os botes, defendiam-se de nós com aspereza, e, quando não conseguiam deter-nos, fugiam para as florestas sem nos esperar. Depois de conhecer tamanha barbárie, partimos dali e, durante a navegação, vimos urna ilha distante 15 léguas da praia e concordamos em verificar se era habitada. Acelerando em sua direção. Vimos ali uma gente que de todas era a mais bruta e simples, porém de todas a mais pacífica e benigna, cujos ritos e costumes passo a referir.

#### *Ritos e costumes dessa gente*

Brutos de rosto e bruscos de gestos, todos tinham a boca cheia de uma erva verde que a todo tempo mastigavam como gado, de modo que mal podiam falar. Todos levavam no pescoço duas pequenas cabaças secas, cheias, uma com a mesma erva que tinham na boca, outra com uma certa farinha esbranquiçada, feita das próprias cabaças, semelhante a gesso moído, e portavam um pauzinho que, umedecido e mastigado na boca, de contínuo enfiavam na cabaça cheia de farinha, tiravam um pouco, punham-na nos dois lados da boca para borrifar a erva que mascavam, e assim faziam seguida e repetidamente. Admirados, não conseguimos compreender bem a origem, o segredo e a razão desse costume.

Essa gente, como pudemos observar com frequência, aproximou-se de nós com grande familiaridade, como se já tivessem negociado muitas vezes conosco e mantido antiga amizade.

Conversando, caminhamos com eles pela praia – desejávamos beber água fresca –, e por sinais nos deram a entender que careciam totalmente de tais águas, e nos ofereceram a erva e a farinha, com o que aprendemos que as levavam na boca para mitigar a sede, uma vez que aquela região não tinha água. Então, ocorreu que, caminhando em sua companhia durante dia e meio em torno da praia, não encontramos água potável em parte alguma, e compreendemos que tiravam a água que bebiam do orvalho noturno que caía sobre certas folhas, semelhantes a orelhas de asno. Durante a noite as folhas de fato enchiam-se de orvalho, que era muito bom, e todo o povo bebia dele, mas muitos locais não tinham esse tipo de folha.

Carecem totalmente dos víveres que existem em terra firme e sustentam-se dos animais que apanham no mar, pois, exímios pescadores, os têm ali em grande quantidade, chegando a nos presentear com tartarugas e outros seres excelentes. As esposas nunca usam a erva que os maridos levam na boca; portam, porém, uma única cabaça cheia de água de beber. Essa gente não tem povoações de casebres nem choupanas, nada além de certas folhas grandes sob as quais se protegem do calor do sol, mas não das chuvas, pelo que se pode concluir que chove pouco ali. Quando vão à praia para pescar, cada pescador leva consigo uma folha tão grande que, fincada na areia e voltada para o percurso do sol, permite-lhe proteger-se do calor em sua sombra. São muitas e variadas nessa ilha as espécies de animal que bebem água lodosa.

Vendo, pois, que nada aproveitável ali encontraríamos, nós a deixamos e fomos até outra; entrando nela para procurar água fresca, julgamos ser desabitada, porque não encontramos ninguém enquanto nos aproximávamos. Caminhando, porém, pela areia, vimos algumas pegadas muito grandes, de que concluímos que, se os outros membros correspondessem àqueles pés, homens enormes habitavam aquela terra. Seguindo assim pela praia,

encontramos um caminho que levava terra adentro e ordenamos que nove de nossos homens o percorressem para explorar o interior da ilha, porque não nos pareceu ampla nem muito habitada. Depois de trilhá-lo por cerca de uma légua, vimos num vale cinco casas que pareciam habitadas e, entrando nelas, vimos cinco mulheres, duas velhas e três jovens, todas tão altas que nos causaram admiração. Mal nos viram, ficaram elas tão estupefatas que lhes faltou coragem para fugir. Então as velhas, falando docemente conosco em sua língua e recolhendo-se todas numa casa só, ofereceram-nos muitos de seus víveres. Eram maiores que um homem alto, eram tão altas como Francisco de Albicio, porém mais bem proporcionadas do que nós.

Todos concordamos em tomar pela força as mais jovens e levá-las a Castela, como curiosidade. Mas, estando a deliberar sobre isso, eis que uns 36 homens, muito mais altos do que as mulheres e tão belamente constituídos que era agradável olhá-los, começaram a entrar na casa. Ficamos tão perturbados por causa deles que mais queríamos estar nas nossas naus do que com tais pessoas. A modo de clavas, portavam enormes arcos e flechas, grandes paus e estacas. Logo que entraram, começaram conversar, como se quisessem prender-nos, enquanto entre nós tínhamos opiniões distintas: uns entendiam que devíamos atacá-los ali mesmo na casa; outros, ao contrário, que devíamos fazê-lo fora, em campo aberto; e ainda outros asseveravam que de modo algum devíamos lutar com eles até que soubéssemos o que queriam fazer. Em meio a deliberar, saímos da casa dissimuladamente e começamos a retornar aos navios, enquanto eles, sempre a conversar entre si, nos seguiam à distância de um tiro de pedra, tremendo, como penso, de medo não menor que o nosso, pois, se parávamos, imediatamente paravam; e não andavam se não andávamos.

Assim que chegamos às naus e começamos em ordem a embarcar em nossos batéis, todos logo se atiraram ao mar e desferiram



suas flechas contra nós, mas pouco os temíamos, pois disparamos contra eles dois tiros de bombardas, mais para assustar do que para matar. Ao ouvir o estrondo, fugiram correndo para um monte vizinho e assim nos libertamos e nos separamos. Todos andam nus, como relatamos sobre povos anteriores, e, mercê da estatura deles, aquela ilha chamamo-la dos Gigantes. Quando depois navegávamos pouco distantes da costa, com muita frequência tivemos que lutar com eles, uma vez que não queriam permitir que levássemos o que quer que fosse de sua terra.

Já tínhamos em mente o propósito de voltar a Castela, porque, estando ao mar há quase um ano, dispúnhamos de pequena provisão de alimentos e outros recursos necessários, que, do intenso calor do sol que suportamos, já estavam contaminados e apodrecidos, pois, desde que partíramos das ilhas de Cabo Verde, tínhamos até então navegado continuamente através da zona tórrida e cruzado duas vezes a linha do equinócio, como já se referiu. Mantendo este propósito, aprouve ao Espírito Santo aliviar-nos de nossos trabalhos, porque, buscando refúgio onde reparássemos nossas naus, deparamos com uma gente que nos acolheu com muitíssima amizade, que descobrimos possuir enorme quantidade de pérolas orientais. Por isso, permanecemos ali 47 dias e adquirimos 119 marcos de pérolas por um preço, segundo nossa estimativa, que não superava 40 ducados, pois em troca só lhes demos guizos, espelhos, alguns vidros e umas folhas de latão; obtínhamos, por um só guizo, todas as pérolas que cada um deles possuísse e aprendemos nesse ínterim como e onde as apanhavam. Muitas das ostras em que nascem pérolas eles nos deram de presente, poucas nós compramos. Em algumas achavam-se 130 pérolas, em outras, nem tanto. E saiba vossa majestade que, caso não estejam bem maduras e por si mesmas não se soltem das conchas em que surgem, não são perfeitas; antes, como eu mesmo muita vez observei, logo murcham e se reduzem a nada.

Mas, quando amadurecem em meio à carne no interior da própria ostra e separam-se do que as prende à carne, são estas as melhores.

Decorridos, pois, os 47 dias, despedindo-nos daquela gente que fizemos muitíssimo amiga, partimos dali e, em vista de nossa grande privação, fomos até a Ilha de Antilha, que poucos anos antes Cristóvão Colombo descobrira, na qual, reparando nossos aparelhos e massames, permanecemos por dois meses e dois dias, sofrendo entrementes muitas injúrias dos cristãos que ali moravam, as quais, para não ser prolixo, aqui omito. Deixando aquela ilha em 22 de julho, depois de navegar um mês e meio, chegamos enfim ao porto de Cádiz em oito de setembro, onde fomos recebidos com honra e proveito. E assim, com beneplácito de Deus, teve fim nossa segunda navegação.

### **Sobre a Terceira Navegação**

Estava eu em Sevilha, a descansar das penas e trabalho que suportara ao longo das navegações relatadas, e, desejando em seguida retornar à terra das pérolas, a fortuna, não saciada ainda de minhas fadigas, infundiu no espírito do sereníssimo D. Manuel, rei de Portugal, não sei por quê, a ideia de enviar-me, mediante especial mensageiro, uma carta em que encarecidamente pedia que me dirigisse com presteza à sua presença em Lisboa, pois me faria muitos obséquios.

Sobre isso, porém, não me havia decidido ainda; antes, por meio do mesmo mensageiro, respondi não estar bem-disposto, mas estar mal; mas, quando convalescesse, se à Sua Majestade aproovessem ainda meus serviços, de bom grado cumpriria tudo o que desejasse. O rei, percebendo que eu não podia dirigir-me até ele, mandou-me outra vez Juliano Bartolomeu del Giocondo, que então residia em Lisboa, com a missão de a qualquer custo levar-me consigo à sua presença. Com a chegada dele e diante de suas

instâncias, fui obrigado a ir-me à presença do rei, o que julgaram ser má resolução quantos me conhecem. Assim, de Castela – onde não pequena honra me fora concedida, onde o próprio rei bom conceito tinha de minha pessoa – parti, e o que é pior, sem as devidas despedidas.

Apresentei-me, pois, diante do próprio Rei D. Manuel, que pela minha chegada pareceu demonstrar grande alegria, pedindo-me que saísse com três navas de conserva que estavam preparadas para zarpar e descobrir novas terras, e assim, como pedidos de reis são ordens, consenti com o que queria.

### *Tempo da terceira viagem*

Partimos do porto de Lisboa em 10 de maio de 1501 com três navas de conserva e tomamos o curso das ilhas da Grande Canária, ao largo das quais navegamos, tendo-as à vista, e prosseguimos nosso curso ao longo da costa ocidental da África. Ali fizemos parada de três dias e apanhamos enorme quantidade de certos peixes chamados pargos. De lá atingimos aquela parte da Etiópia em um porto chamado Beseguiche, que está sob a zona tórrida, sobre a qual o polo setentrional se ergue 14 graus no primeiro clima, onde por 11 dias nos detivemos para obter provisão de lenha e água, porque eu desejava navegar através do oceano Atlântico para o austro. Deixando, assim, esse porto da Etiópia, navegamos tanto a vento libecheo que em 67 dias chegamos a uma ilha situada a 700 léguas de distância do porto. Durante esses dias enfrentamos o pior temporal que jamais alguém suportou no mar, por causa da força do vento e das borrascas que nos causaram inúmeros incômodos, pois nossa viagem se fez continuamente junto à linha equinocial e lá, no mês de junho, é inverno, as noites são iguais aos dias, e as sombras eram sempre voltadas ao austro.

Então ao Onipotente, em 17 de agosto, aprouve mostrar-nos uma nova praia, ao largo da qual ancoramos a légua e meia de distância e em seguida desembarcamos em alguns de nossos botes para ver se era habitada. Descobrimos que a habitavam muitos nativos, piores que animais, como vossa majestade adiante verá. Mas, no início do desembarque, não notamos gente alguma, embora por inúmeros sinais soubéssemos que muitas pessoas ocupavam a orla. Tomamos posse da terra em nome do sereníssimo rei de Castela e a achamos muito amena, verde e de boa aparência. Está cinco graus fora da linha equinocial para o austro. No mesmo dia, tornamos aos navios. Padecendo da falta de lenha e água, concordamos em voltar àquela terra para prover-nos do que era necessário e, estando a deliberar, vimos no cume de um monte pessoas que não ousavam descer: estavam todos nus e eram semelhantes, no rosto e na cor, aos povos já mencionados.

Fizemos todo esforço para que descessem e viessem tratar conosco, mas não logramos torná-los seguros a ponto de não desconfiar de nós. Conhecida essa obstinação e insolência, ao cair da noite voltamos aos navios, deixando em terra, visíveis, alguns guizos e espelhos e outros objetos. Quando viram que nos afastávamos no mar, desceram do monte por causa das bagatelas que deixáramos, dando uns aos outros mostras de admiração. Na ocasião, não nos provemos de nada a não ser de água.

Na manhã seguinte, dos navios vimos número maior ainda de pessoas que faziam, em vários locais, fogueiras e fumaça. Concluindo que com aquilo nos convidavam para ir até lá, desembarcamos em terra, onde vimos que havia chegado imensa quantidade de pessoas, que, porém, se mantinham bem distantes de nós, fazendo entrementes alguns sinais para que com eles adentrássemos a terra. Diante disso, dois de nossos cristãos imediatamente se dispuseram a enfrentar esse risco para descobrir que gentes eram e que riquezas ou espécies aromáticas possuíam, e insistiram tanto ao capitão da frota que ele anuiu ao que pediam.

Eles, então, preparando-se para pôr em prática o que pretendiam, tomaram de seus pertences vários objetos pequenos com que pudessem adquirir os daquela gente e despediram-se de nós com ordem de voltar no máximo em cinco dias, que era o tempo que havíamos de esperá-los. E assim tomaram seu caminho terra adentro enquanto regressamos às naus, onde permanecemos a esperá-los por seis dias, durante os quais quase diariamente novas gentes vinham à praia, mas nunca quiseram falar conosco.

No sétimo dia, dirigindo-nos outra vez à terra firme, percebemos que aquela gente trouxera consigo as mulheres. Assim que chegamos, logo enviaram muitas esposas para falar conosco, embora não estivessem inteiramente seguras a nosso respeito. Percebendo-o, concordamos em enviar até elas um de nossos jovens, que era valente e ágil, e para torná-las menos temerosas entramos nos navios. Assim que desembarcou, misturou-se entre elas, que, circundando-o, tocavam-no e apalpavam-no, maravilhadas por ele: eis que do monte vem uma mulher portando uma grande estaca, aproxima-se do jovem e, pelas costas, deu-lhe tamanho golpe com a estaca que, imediatamente, ele caiu morto ao chão. Num instante, outras mulheres o pegaram e pelos pés arrastaram-no ao monte.

Os homens que ali estavam, descendo à praia com arcos e flechas, puseram-se a disparar e infligiram tal terror em nossa gente – os batéis em que estavam resvalavam na areia ao navegar, não podendo fugir com rapidez – que ninguém então se lembrou de pegar em armas, de modo que muitas flechas eles dispararam até que desferimos quatro tiros de bombardarda sem atingir ninguém. Ao ouvir o estrondo, todos em fuga correram de volta ao monte onde estavam as mulheres a esquartejar o jovem que haviam matado, enquanto nós olhávamos em vão, mas não era em vão que nos mostravam os pedaços que, assando num grande fogo que tinham aceso, depois comiam: também os homens, fazendo-nos

sinais semelhantes, davam a entender que haviam matado e assim comido outros dois cristãos nossos. E exatamente por isso acreditamos que falavam a verdade. Esse ultraje ofendeu-nos a fundo, pois vimos com nossos próprios olhos a profanação com que trataram o morto. Por isso, mais de 40 de nossos homens tomamos a deliberação de descer todos em terra firme e impetuosamente atacá-los para tirar vingança de ação tão desumana, de ferocidade tão bestial. Mas o capitão da frota não permitiu, e, assim agindo nosso comandante, apesar de termos sofrido injúria tão grande e tão grave, contra nossa vontade e com grande desonra, partimos dali sem puni-los.

Depois de deixar aquela terra, logo começamos a navegar entre levante e siroco, que é a direção que a terra assume, fazendo entretanto muitas voltas e muitos giros, durante os quais não vimos gentes que quisessem tratar conosco ou aproximar-se de nós. Navegamos até descobrir uma terra nova que se estende a libecho. Tendo ali dobrado um cabo, a que demos o nome Cabo de São Vicente, começamos então a navegar a vento líbico. O Cabo de São Vicente dista 150 léguas a leste da terra em que os companheiros cristãos foram mortos e está oito graus fora da linha equinocial ao austro.

Como navegávamos sem destino certo, um dia vimos que em outra terra havia grande quantidade de pessoas que se admiravam de nós e da grandeza das naus, e, ancorando perto deles em local seguro, desembarcamos em terra firme com nossos botes. Percebemos que eram de fato de condição mais branda que os anteriores, pois, ainda que exigisse grande esforço domesticá-los, logramos enfim torná-los amigos. Permanecemos cinco dias negociando e tratando com eles e lá encontramos canafístula muito grossa e algumas verdes e secas no cume das árvores. Concordamos em levar daquela gente duas pessoas para ensinar-nos a língua,

mas, por vontade própria, três se ofereceram para nos acompanhar a Portugal.

E, como me enfada prosseguir descrevendo tudo, digne-se vossa majestade saber que, deixando aquele porto, navegamos a vento libeicho com a terra sempre à vista, fazendo continuamente muitas escalas e muitas voltas, falando durante esse tempo com muitos povos, até que saímos do Trópico de Capricórnio para o austro, onde o polo meridional se ergue 32 graus sobre aquele horizonte, de modo que já havíamos perdido de vista a Ursa Menor, e a Ursa Maior avistávamos muito baixa, a brilhar quase no limite do horizonte. E, assim, nos dirigimos pelas estrelas do outro polo meridional, que são muito mais numerosas, muito maiores e mais brilhantes do que as estrelas do nosso polo. Por isso, desenhei as figuras de muitíssimas delas, sobretudo as de primeira grandeza, juntamente com a declinação dos diâmetros que fazem em torno do polo austral e a anotação dos mesmos diâmetros e seus semidiâmetros, como se poderá facilmente ver nas minhas *Quatro Jornadas ou Navegações*.

Nessa navegação, iniciada no Cabo de Santo Agostinho, percorremos 700 léguas, 100 delas a oeste e 600 a sudoeste. Se alguém quisesse descrever o que vimos ao percorrê-las, não seriam suficientes outras tantas folhas de papel. Nessa costa não vimos coisa de proveito, exceto infinitas árvores de canela e tantas outras que produzem certa espécie de lâminas, juntamente com as quais vimos ainda muitas outras coisas admiráveis que seria fastidioso descrever.

Nesse trajeto, em que gastamos quase 10 meses, tendo reconhecido que não acháramos nenhum minério, decidimos em comum sair dali e navegar a outra parte. Tomada esta decisão, proclamou-se e divulgou-se para toda nossa tripulação que, naquele percurso, tudo o que eu ordenasse deveria ser cumprido integralmente. Assim sendo, e informado pelos pilotos das naus que se poderia

navegar por seis meses, proclamei e ordenei que todos fizessem provisão de lenha e água para outros seis. Feita a provisão que eu ordenara, deixamos aquela praia e, em 13 de fevereiro, começamos a navegar a siroco, quando o sol já se aproximava do equinócio e se inclinava a este nosso hemisfério setentrional, e navegamos tanto que encontramos o polo meridional elevado 52 graus sobre aquele horizonte, de modo que não se podiam ver nem as estrelas da Ursa Maior nem da Menor.

Em três de abril estávamos a 500 léguas a sudeste do porto de que partíramos, e, nesse dia, no mar ergueram-se um temporal e uma tempestade tão violentos que fomos obrigados a recolher todas as velas e navegar em árvore seca, porque soprava com violência o libecho, o mar se intumescia, e a atmosfera era muitíssimo turbulenta; como a tempestade era violentíssima, todos os nossos homens foram tomados de grande pavor. As noites ali eram muito longas, pois, em sete de abril, estando o sol na extremidade de Áries, a noite durou 15 horas, e ali então era inverno, como vossa majestade pode facilmente perceber.

Navegando sob tal tempestade, em sete de abril vimos uma terra nova da qual nos aproximamos depois de navegar cerca de 20 léguas: era totalmente brutal e estranha, e não encontramos nenhum porto nem gente alguma, porque, como penso, o frio era ali tão intenso que ninguém podia suportá-lo nem remediá-lo. Era tão grande o perigo e tão violento o temporal em que nos achávamos que mal podíamos ver uns aos outros em meio ao turbilhão. Por isso, juntamente com o capitão da frota, decidimos fazer sinal a todos os navios para abandonar aquela terra, distanciar-se dela e voltar a Portugal, decisão prudente e útil, porque, se permanecêssemos ali só mais aquela noite, teríamos todos morrido, já que a tempestade surgida no dia seguinte nos aterrorizou a tal ponto que já nos acreditávamos totalmente perdidos. Fizemos, por isso,



muitas promessas de peregrinações e outras tantas cerimônias, corno é costume de marinheiros.

Navegamos cinco dias sob a desdita de tal tempestade, com velas arriadas, durante os quais penetramos 250 léguas do mar, aproximando-nos sempre da linha equinocial e de mar e ventos mais temperados, em virtude do que aprouve ao Altíssimo livrar-nos dos perigos mencionados. Esse percurso fizemos a vento tramontano e grego, porque desejávamos atingir a costa da Etiópia, da qual distávamos 1.300 léguas, navegando pelas gargantas do Oceano Atlântico. Por graça do Onipotente, lá chegamos em 10 de maio e permanecemos 15 dias numa região austral chamada Serra Leoa para descansar. Em seguida, levantamos âncora rumo às ilhas chamadas Açores, distantes 750 léguas de Serra Leoa, onde chegamos no fim de julho, e lá permanecemos mais 15 dias para nos refazer, depois dos quais fizemos retorno à nossa Lisboa, distante 300 léguas a oeste de onde estávamos, a cujo porto, enfim, pela vontade do Todo-Poderoso, felizmente chegamos salvos em 1502 com duas naus, porque a terceira, não podendo navegar adiante, incendiámos em Serra Leoa. Nessa terceira navegação permanecemos cerca de 16 meses, 11 dos quais viajamos sem ver a estrela tramontana nem a Ursa Maior e a Menor, governando-nos nesse tempo por outra estrela do polo meridional. O que acima foi narrado é o que vi mais digno de registrar no decorrer desta terceira navegação.

### **Do percurso da Quarta Navegação**

Resta relatar o que vimos em nossa quarta navegação. Entretanto, porque já me fadiga um longo narrar e porque esta viagem não teve o fim que esperávamos por uma adversidade ou um infortúnio que nos aconteceu no golfo do Mar Atlântico, serei mais breve. Partimos, pois, de Lisboa com seis naus de conserva,

com o propósito de ver uma ilha situada no horizonte, chamada Malaca, que, famosa pelas muitas riquezas, é acolhimento e paragem de todas as naus que vêm de Ganges e do Índico, assim como Cádiz é acolhimento e hospitalidade a todos os navegantes que viajam de oriente a ocidente e em sentido oposto, como é notório no caminho de Calicut. Malaca está mais a ocidente, Calicut olha mais o austro, como pudemos saber, já que está situada no aspecto de 33 graus do polo antártico.

Zarpamos em 10 de maio de 1503 e dirigimos nosso curso primeiro às ilhas de Cabo Verde, onde permanecemos por 12 dias para prover-nos de artigos necessários e de vários tipos de mantimentos. De lá recomeçamos a navegar a vento libeço, quando nosso comandante, como pessoa presunçosa e cabeçuda, sem necessidade e contra nossa unânime opinião, mas só para mostrar que era chefe nosso e dos seis navios, ordenou que nos dirigíssemos a Serra Leoa, região austral da Etiópia. Quando acelerávamos em sua direção, tendo-a já à nossa vista, rompeu tão grande e violenta tempestade, era tão contrário o vento e tão adversa a sorte que, vendo a terra com nossos olhos, por quatro dias não conseguimos aportar; ao contrário, tivemos mais que abandoná-la e retornar à nossa anterior navegação, que fizemos a sudoeste, que é o vento entre meio-dia e libeço, navegando 300 léguas por aquela tormenta de mar.

Então ocorreu que, quando estávamos nós a quase três graus fora da linha equinocial, apareceu uma terra a 12 léguas de distância, aparição que nos causou grande admiração, pois a terra era uma ilha que, muito alta e admirável no meio do mar, não tinha nem duas léguas de comprimento e uma de largura, em que efetivamente nenhum homem estivera ou habitara. Foi-nos efetivamente muito funesta, porque ali o capitão da esquadra, por néscia decisão e governo, perdeu sua nau, que se arrebentou contra um escolho, enchendo-se de buracos, e, na noite de São Lourenço, que

é 10 de agosto, foi a pique, nada se salvando, a não ser os marinheiros. Era navio de 300 tonéis, que levava todo o nosso equipamento. Enquanto fazíamos o máximo empenho em torno dela para salvá-la, o comandante ordenou-me ir numa barca até aquela ilha e encontrar uma boa enseada onde com segurança pudéssemos ancorar as naus, pois não queria ele que eu levasse comigo minha nau, que, equipada com nove homens meus, acudia no socorro à embarcação em perigo, mas mandara somente que eu fosse descobrir um porto onde me devolveria o navio.

Recebida a ordem, conforme o que dispunha, com metade de meus homens encontrei na ilha a quatro léguas de distância um belíssimo porto, onde podíamos com segurança ancorar toda a nossa frota. Permaneci ali oito dias, esperando o comandante e o restante da tripulação. Como não vinham, senti grande desconforto, e os que me acompanhavam estavam tão perturbados que não se podia consolá-los. Persistíamos nessa angústia até que, no oitavo dia, vimos no mar vir um navio, na direção do qual, para que nos pudessem notar, nos dirigimos, esperando, confiantes, que consigo nos conduzissem a melhor porto. Assim que nos aproximamos e nos saudamos mutuamente, relataram-nos que a nau do comandante, com exceção dos marinheiros, tinha ido a pique. Como vossa majestade pode ver, não foi pequena a aflição que esta notícia nos causou, dado que eu sabia estar em mar muito remoto, a mil léguas de distância de Lisboa, aonde desejava retornar. Submetendo-me, todavia, à fortuna, prosseguimos e, antes de tudo, retornamos àquela ilha, onde nos provemos de lenha e água no navio de minha conserva. A ilha era totalmente desocupada e desabitada, farta de água fresca e doce, com infinitas árvores e inúmeros pássaros marinhos e terrestres que eram tão dóceis que se deixavam sem medo apanhar com a mão, motivo pelo qual pegamos tantos que com eles abarrotamos uma barca. Não encontramos ali nenhum outro animal senão enormes ratos

e lagartos com cauda bifurcada, além de algumas serpentes que pudemos ver.

Feita ali nossa provisão, seguimos viagem com vento entre austral e libeço, porque a ordem que recebêramos do rei era seguir o rumo da navegação precedente, qualquer que fosse o perigo que houvesse. Tomado esse rumo, encontramos enfim um porto a que demos o nome de Baía de Todos os Santos, à qual chegamos em 17 dias, tendo o Altíssimo nos concedido vento propício. Dista esse porto 300 léguas da mencionada ilha. Nele não encontramos nem nosso comandante nem membro algum da tripulação, embora esperássemos ali por dois meses e quatro dias.

Decorrido esse tempo, visto que ninguém vinha, concordamos, o capitão da nau de minha conserva e eu, avançar seguindo a costa. Percorridas 260 léguas, chegamos a outro porto em que decidimos erguer um castelo, o que logo fizemos, e deixamos ali 24 cristãos que estavam conosco, recolhidos da perda da nau do comandante. Construindo o castelo, carregando nossas naus de pau-brasil, ali permanecemos cinco meses porque a escassez de marinheiros e de muitos outros recursos não nos permitia ir mais longe.

Concluídas essas atividades, concordamos em voltar a Portugal, o que era necessário fazer com vento grego e tramontano. Foram deixados, pois, no referido castelo, os 24 cristãos, e com eles 12 bombardas, muitas outras armas, mais provisão suficiente para seis meses, e conosco foi apaziguada a gente daquela terra, de que faço pequeníssima menção, embora inúmeros ali tenhamos visto, com os quais tratamos, pois com 30 habitantes penetramos quase 40 léguas na ilha. Ali, entretantes, vimos muitas coisas, que ora calo, reservando-as para meu livrinho sobre as *Quatro Navegações*. Está essa terra 18 graus fora da linha equinocial para o austro e 35 graus fora do meridiano de Lisboa a ocidente, como mostravam nossos instrumentos.

Iniciando nossa navegação a nor-nordeste, que é o vento entre grego e tramontano, com propósito de atingir esta cidade de Lisboa, depois de muitos trabalhos e muitas fadigas, entramos em seu porto após 77 dias, em 28 de junho de 1504 com a graça de Deus. Fomos ali recebidos com muita honra, com mais festejos do que seria de crer, porque toda a cidade nos julgava perdidos no mar, como estavam todos os outros membros da tripulação por causa da estúpida presunção do comandante de nossa frota: assim Deus, justo juiz de todos, castiga a soberba. E agora em Lisboa permaneço, sem saber o que o sereníssimo rei cogitará doravante a meu respeito. Eu mais que tudo desejaria agora descansar de tantos trabalhos, recomendando, entretanto, com empenho este mensageiro a vossa majestade.

*Américo Vespúcio, em Lisboa*

PARTE II  
CARTAS AUTÊNTICAS

*Enviada a Lorenzo dei Medici  
18 de julho de 1500*

**P**rimeiro, meu magnífico senhor etc. Faz bastante tempo que não tenho escrito a vossa magnificência; isso aconteceu por não haver ocorrido coisa alguma digna de memória.

A presente serve para dar-vos notícia de que, cerca de um mês, cheguei da parte das Índias pelo caminho do Mar Oceano, com a graça de Deus, a salvamento a esta cidade de Sevilha, e porque creio que vossa magnificência terá prazer de inteirar-se de tudo o que ocorreu na viagem e das coisas mais extraordinárias que me aconteceram. E, se eu for um tanto prolixo no meu dizer, ponde-vos a lê-lo quando estiverdes com boa disposição, como fruta ao levantar-vos da mesa.

Saberá vossa magnificência como, por encargo de suas altezas, reis da Espanha, parti com duas caravelas a 18 de maio de 1499 para ir descobrir do lado do Ocidente, pelo caminho do Mar Oceano, e tomei meu caminho ao longo da costa da África, até que cheguei às Ilhas Afortunadas, que hoje se chamam Ilhas Canárias. E, depois de ter feito provisão de todo o necessário, feitas as nossas orações e súplicas, fizemo-nos de vela de uma ilha que se chama Gomera, pusemos a proa para sudoeste e navegamos 24 dias com vento fresco sem ver nenhuma terra. Ao cabo de 24 dias avistamos terra e achamos ter navegado cerca de 1.300 léguas distante da cidade de Cádiz pelo caminho de sudoeste. Avistada a terra, demos graças a Deus, arriamos os batéis e com cerca de seis

homens fomos à terra e achamo-la toda cheia de árvores, que era coisa muito maravilhosa não somente devido ao tamanho delas, ao verdor, pois nunca perdem as folhas, mas também ao odor suave que delas sai, pois que são todas aromáticas e agradam tanto o olfato que nisso tínhamos grande prazer.

Andando com os batéis ao longo da terra para ver se encontrávamos local para desembarque, e como a terra era baixa, diligenciamos todo o dia até a noite e nunca encontramos caminho ou local para entrar terra adentro, pois isso não só impedia a terra que era baixa, sobre ser espessa a vegetação. À vista disso, acordamos voltar aos navios e ir tentar abordá-la em outra parte.

Uma coisa maravilhosa que vimos neste mar foi que, antes que defrontássemos a terra, à distância de 25 léguas, encontramos água doce como de rio, bebemos dela e enchemos todos os barris vazios que tínhamos. Chegados que fomos aos navios, levantamos âncora e fizemo-nos de vela pondo a proa ao sul, porque a minha intenção era ver se podia dobrar um cabo que Ptolomeu denomina Cabo Cattigara, junto ao *Sinus Magnus*, que, de acordo com a minha opinião, não estava muito distante dele, segundo os graus de longitude e latitude, como aqui abaixo se dará conta. Navegando para o sul vimos vir da terra dois grandíssimos rios, sendo que um vinha do oeste e corria para leste e tinha largura de quatro léguas, que são 16 milhas; outro corria do sul para o norte e era largo de três léguas, que são 12 milhas. Estes dois rios, creio, é que tornavam o mar doce por causa dos seus tamanhos.

Visto que a costa era baixa, acordamos, todavia, entrar em um destes rios com os batéis e ir tanto por ele adentro, até que encontrássemos local de desembarque ou aldeia de gente. Postos em ordem os batéis com mantimentos para quatro dias, com 20 homens bem-armados penetramos no rio e, à força de remos, navegamos em dois dias cerca de 15 léguas, explorando a terra em muitos pontos, e de contínuo vimos que era terra baixa e tão



espesa a vegetação que apenas nela podia voar um pássaro. Assim navegando pelo rio, vimos sinais certíssimos de que o interior da terra era habitado. Porque as caravelas estavam em lugar perigoso quando o vento soprasse de través, acordamos no fim de dois dias voltarmos a elas, o que fizemos.

Aquilo que aqui vimos foi uma enorme quantidade de pássaros de diversas formas e cores, e tantas espécies de papagaio que era uma maravilha, alguns de cor vermelha, outros verdes cor de limão, outros inteiramente verdes, outros pretos e encarnados. O canto de outros pássaros que estavam nas árvores era coisa suave e de tanta melodia que aconteceu muitas vezes ficarmos encantados com a suavidade. As árvores são de tal beleza e tão aprazíveis que pensávamos estar no paraíso terrestre. Nenhuma daquelas árvores nem seus frutos têm semelhança com os desta parte. No rio vimos muitas qualidades de peixes e de muitas deformidades (*sic*).

Chegados que fomos aos navios, levantamos âncora fazendo-nos de vela e tendo a proa de contínuo ao sul. E, navegando 40 léguas por este caminho, estando afastados no mar, encontramos uma corrente marítima que corria de sueste para noroeste e era tão forte e com tanta fúria corria que tivemos medo e passamos grande perigo. A corrente era tal que as do Estreito de Gibraltar e do Farol de Messina são um lago em comparação com ela, de modo que, quando vinha pela proa, nada caminhávamos, apesar de ter o vento fresco a nosso favor. Visto o perigo em que nos achávamos, resolvemos virar a proa para o noroeste e navegar para o norte.

Como me recordo que vossa magnificência sabe alguma coisa de cosmografia, resolvo descrever como foi a nossa navegação quanto a longitude e latitude. Digo que navegamos tanto em direção ao sul que entramos na zona tórrida e dentro do círculo de Câncer. Haveis de ter por certo que, após poucos dias navegando na zona tórrida, vimos quatro sombras do sol: quando o sol estava

no zênite ao meio-dia, digo, estando o sol no nosso meridiano, não tínhamos nenhuma sombra. Muitas vezes sucedeu poder eu mostrar tudo isso ao resto da companhia e tomá-la por testemunha por causa da gente ignorante que não sabe como a esfera do sol caminha pelo círculo do zodíaco: pois uma vez via a sombra ao sul, outra ao norte, outra a oeste e outra a leste, e, algumas vezes, uma hora ou duas do dia, não via nenhuma sombra. E tanto navegamos pela zona tórrida da parte do austro que nos encontramos abaixo da linha equinocial, tendo um polo e outro no fim do nosso horizonte, e, ao atravessá-la seis graus, perdemos de todo a estrela Polar norte, apenas avistando outras estrelas da Ursa Menor ou, para dizer melhor, as guardas que giram no firmamento.

Desejoso de ser o autor que assinalasse a estrela do polo do outro firmamento, perdi muitas vezes o sono durante a noite ao contemplar o movimento das estrelas do outro polo para assinalar qual delas tivesse menor movimento e qual a que estivesse mais próxima do firmamento, o que não consegui, apesar das más noites que passei e dos vários instrumentos que usei, e que foram o quadrante, o astrolábio e outras coisas, para assinalar estrelas que giravam em torno do firmamento.

E, enquanto disso cuidava, me recordei de uma estrofe do poeta Dante, a qual se encontra no primeiro capítulo do *Purgatório*, quando fantasia sair deste hemisfério e achar-se no outro, e, querendo descrever o polo antártico, assim disse:

Voltando-me para a direção direita, enderecei o olhar ao outro polo e eis que descobro quatro estrelas jamais vistas pela gente antiga. Ao seu rutilar; mais alegre parece o firmamento. Ó Setentrião, vale por uma viuvez o jamais haveres podido contemplar tão rutilantes astros!

O que, segundo me parece, o poeta nestes versos queria descrever com as quatro estrelas era o polo do outro firmamento. Não

contesto que o que disse seja verdade, porque notei quatro estrelas figuradas como uma amêndoa que tinham pouco movimento. Se Deus me der vida e saúde, espero em breve tornar àquele hemisfério e não regressar sem ver o polo. Em conclusão, digo que nossa navegação foi tanto para a parte do sul que nos distanciamos em latitude da cidade de Cádiz 60 graus e meio, pois que nesta cidade se eleva o polo 35 graus e meio, e nós tínhamos passado a linha equinocial. Isso basta quanto à latitude.

Tendes de notar que esta navegação foi nos meses de julho, agosto e setembro, em que, como sabeis, o sol reina mais de contínuo neste hemisfério e faz maior o arco do dia e menor o da noite. Enquanto nós estávamos sobre a linha equinocial ou afastados dela cerca de quatro ou seis graus, o que foi nos meses de julho e agosto, a diferença entre o dia e a noite não se percebia, e quase que os dias eram iguais, pois que muito pouca era a diferença.

Quanto à longitude, digo que para sabê-la encontrei tantas dificuldades que tive grandíssimo trabalho para saber com certeza o caminho que tinha percorrido em longitude. Trabalhei tanto até que por fim não encontrei melhor coisa que olhar de noite a oposição de um planeta ao outro, principalmente a lua sobre outros planetas, porque a lua é mais rápida no seu percurso que qualquer outro; e examinava o almanaque de João de Regiomontano, que foi calculado pelo meridiano da cidade de Ferrara e posto de acordo com os cálculos da Tábua do rei D. Afonso. Depois de muitas noites ter feito experiências, em uma delas, no dia 23 de agosto de 1499, em que houve conjunção da lua com Marte, a qual segundo o almanaque devia ser à meia-noite ou meia hora antes, vi que, quando a lua estava no nosso horizonte, o que se deu uma hora e meia depois de desaparecido o sol, tinha passado o planeta para o outro lado do Oriente, digo que a lua estava mais ao oriente do que Marte cerca de um grau e mais alguns minutos, e, à meia-noite, estava mais ao oriente 15 graus e meio pouco mais ou menos,

de modo que, feita a proporção, se 24 horas valem 360 graus, quanto valem cinco horas e meia, e achei que valem 82 graus e meio. Achava-me de longitude do meridiano da cidade de Cádiz, mais ao ocidente dessa cidade, 1.366 léguas e dois terços, que são 5.466 milhas e dois terços, dando a cada grau 16 léguas e meia. A razão por que dou 16 léguas e dois terços a cada grau é porque, segundo Ptolomeu e Alfergamo, a Terra tem de circunferência 24 mil milhas, que valem seis mil léguas, que, divididas por 360 graus, tocam a cada grau 16 léguas e dois terços, e isso verifiquei muitas vezes com o ponto dos pilotos sobre a carta e o achei verdadeiro e bom.

Parece-me, magnífico Lorenzo, que a opinião da maior parte dos filósofos, que diz que dentro da zona tórrida não se pode habitar devido ao grande calor, seja desprezada por esta minha viagem. Eu verifiquei nesta viagem ser o contrário, pois o ar é mais fresco e temperado naquela região que fora dela, e que é tanta a gente que a habita, cuja quantidade é muito maior do que aquela que fora existe pelo motivo que abaixo se dirá, que é certo, pois mais vale a prática do que a teoria.

Até aqui contei quanto naveguei do lado do Sul e do lado do Ocidente. Agora me falta dizer-vos sobre a disposição da terra que achamos, da natureza dos habitantes, dos seus costumes, dos animais que vimos e de muitas coisas que se me apresentaram dignas de lembrança. Digo que, depois que passamos a navegar em direção ao Norte, a primeira terra habitada que vimos foi uma ilha que distava da linha equinocial 10 graus. E, quando chegamos a ela, vimos gente na praia que nos estava olhando admirada. Surgimos perto da terra cerca de uma milha, arriamos os batéis, e foram à terra 22 homens bem-armados, e, logo que desembarcaram, viram que era gente diferente da nossa porque não têm nenhuma barba, não se vestem de roupa alguma, assim os homens como as mulheres. Andam como saíam dos ventres de

suas mães, não cobrem nenhuma vergonha, são diferentes de cor, são de cor parda ou leonina e não brancos, de modo que, tendo medo de nós, todos se meteram no mato, e com grande trabalho por meio de sinais os atraímos e praticamos com eles, e achamos que eram de uma tribo chamada canibais, sendo que a maior parte deles ou todos vivem de carne humana, e isto tenha por certo vossa magnificência.

Não comem uns aos outros, mas navegam em certos navios que possuem e que chamam canoas e vão buscar a presa nas ilhas ou em terra de uma tribo sua inimiga, ou de outra que não seja. Não comem nenhuma mulher, mas as conservam como escravas. Disso temos certeza porque aconteceu muitas vezes, nos muitos lugares onde encontramos tais gentes, vemos os ossos e crânios de alguns homens que tinham comido, e eles não negavam, sendo que isso diziam os seus próprios inimigos, que de contínuo estavam com temor deles.

São gentes de gentil compleição e de bela estatura; andam nus completamente. As armas que carregam são arcos, flechas e rodelas. São bastante resistentes e de grande coragem. São habilíssimos atiradores de setas. Em conclusão, praticamos com eles e nos levaram a uma aldeia que estava no interior, obra de duas léguas, e nos deram alimentos, e as coisas que lhes pedíamos nos davam, creio que mais por medo que por amizade. Depois de termos estado com eles todo um dia, voltamos aos navios e ficamos amigos.

Navegamos ao longo da costa dessa ilha e vimos à beira-mar outra grande aldeia. Fomos com os batéis à terra e vimos que estavam todos nos esperando com seus mantimentos, e deram-nos muito boa refeição, segundo os seus costumes. Visto essa boa gente nos tratar tão bem, não ousamos tirar nada dela e fizemo-nos de vela e entramos em um golfo que se chama de Golfo de Pária e fomos surgir na foz de um grandíssimo rio que faz ser doce a água desse golfo.

Vimos uma grande aldeia que estava junto do mar, e tinha tanta gente que era de admirar, e todos estavam sem armas como sinal de paz. Fomos com os batéis à terra e nos receberam com grande carinho e nos levaram às suas casas, que estavam muito bem preparadas para a refeição. Aí nos deram a beber três qualidades de vinho, não de uva, mas feito de frutas como a cerveja, e era muito bom. Comemos muitos mirabolanos frescos, que são frutas muito raras, e nos deram muitas outras frutas, todas diferentes das nossas e de bom sabor e odor aromático. Deram-nos algumas pérolas miúdas e 11 grandes, e por sinais nos disseram que, se quiséssemos esperar alguns dias, iriam pescá-las e trariam muitas delas. Não quisemos demorar, deram-nos muitos papagaios de muitas cores, e com boa amizade partimos. Desta gente soubemos que aqueles da ilha acima referida eram canibais, e como comiam carne humana.

Sáímos desse golfo e fomos beirando a terra, sempre vendo muitíssima gente, e, quando tínhamos disposição, tratávamos com eles, e nos davam tudo que tinham e tudo o que lhes pedíamos. Todos andam nus como nascem, sem ter nenhuma vergonha, pois, se tudo tivesse de contar das suas poucas-vergonhas, seria tratar de coisa desonesta. O melhor é calar.

Depois de havermos navegado de contínuo cerca de 400 léguas por uma costa, concluímos que esta era terra firme, que digo ficar no confim da Ásia, pelo lado do Oriente, e em seu princípio, pelo lado do Ocidente, porque muitas vezes aconteceu vermos diversos animais como leões, cervos, porcos selvagens, coelhos e outros animais terrestres que não se encontram em ilhas, mas em terra firme. Andando um dia adentro com 20 homens, vimos uma cobra ou serpente que tinha de comprimento oito braças e era grossa como a minha cintura. Tivemos muito medo dela e, por tê-la avistado, tornamos ao mar. Muitas vezes me aconteceu ver animais muito ferozes e grandes serpentes.

E, navegando pela costa, cada dia descobríamos enorme quantidade de gente de várias línguas, tanto que, quando tínhamos navegado 400 léguas pela costa, começamos a encontrar gentes que não queriam nossa amizade, mas que estavam nos esperando com suas armas, que são arcos e setas, e com outras armas que possuem, e, quando íamos à terra com os batéis, impediam o nosso desembarque. De modo que éramos forçados a combatê-los e no fim do combate os tratávamos mal porque estavam nus e fazíamos entre eles grande mortandade, acontecendo muitas vezes de 16 dos nossos combaterem com dois mil deles e terminarem por desbaratá-los, matando muitos deles e saqueando suas casas.

Um dia, entre outros, vimos muitíssima gente toda armada para se defender, se nós desembarcássemos. Armamos muito bem 26 homens e cobrimos os batéis por causa das setas que atiravam, que sempre, antes que saltássemos, feriam alguns dos nossos. Defenderam a terra quanto puderam. Por fim nela desembarcamos e os combatemos com muitíssima dificuldade. A razão era que tinham muita coragem e empregavam muito esforço contra nós porque não sabiam que arma era a espada e nem como ela cortava. E assim combatendo foi tanta mortandade entre eles que dispararam contra nós tanta quantidade de setas que não nos podíamos remediar e quase perdemos a esperança de vencer, voltando-lhes as costas para saltar nos batéis. E assim nos íamos retirando e fugindo, quando um nosso marinheiro que era português, homem de 55 anos de idade, que tinha ficado a guardar o batel, vendo o perigo em que nos achávamos, saltou do batel à terra e com voz alta nos disse: “Voltai, filhos, os rostos aos nossos inimigos que Deus vos dará a vitória!”, e pôs-se de joelhos, fez orações e depois arrojou-se contra os índios e todos nós com ele, feridos como estávamos, de modo que nos deram as costas e começaram a fugir, e no fim os destroçamos e, matando deles 150, queimamos 180 de suas casas. Como estávamos muito feridos e cansados,

voltamos aos navios e fomos repousar em um porto, onde estivemos 20 dias só para o médico nos curar, e todos escaparam, menos um que estava ferido no peito esquerdo. Depois voltamos à nossa navegação por esta mesma costa e aconteceu muitas vezes combatermos com inúmera gente e sempre obter vitória.

E assim navegando fomos a uma ilha que estava distante da terra firme 15 léguas, onde ao chegarmos não vimos gente. Como parecia de boa aparência, acordamos ir tentá-la e fomos a ela 11 homens, encontramos um caminho e pusemos a andar por ele duas léguas e meia terra adentro, e descobrimos uma aldeia de cerca de 12 casas onde nada encontramos a não ser mulheres de tão grande estatura que não havia nenhuma que não fosse mais alta que cada um de nós um palmo e meio. Logo que nos viram, tiveram grande medo de nós, e a principal delas, que certo era mulher discreta, com sinais nos levou a urna casa e nos mandou dar refrescos. Nós, quando vimos mulheres tão grandes, que sem dúvida eram criaturas fora da estatura comum dos homens, resolvemos roubar duas delas, que eram jovens de 15 anos, para dar de presente a este rei. E, enquanto assim pensávamos, vieram 36 homens e entraram na casa onde estávamos bebendo. Eram de tão alta estatura que cada um deles era mais alto estando de joelhos do que eu em pé. Em conclusão, eram da estatura de gigantes, segundo o seu tamanho, e a proporção do corpo correspondia à altura. Cada uma das mulheres parecia uma Pantasileia, e os homens, Anteus. E, quando entraram, alguns dos nossos tiveram tanto medo que até hoje em dia não se sentem seguros. Tinham arcos e setas e paus muito grandes feitos como espada. Como nos viram de pequena estatura, começaram a falar conosco para saber quem éramos e de que lugar vínhamos. A bem da paz lhes respondemos por sinais que éramos gente pacífica e que andávamos a ver o mundo. Em conclusão, tivemos por bem partirmos deles sem questão e voltarmos pelo mesmo caminho pelo qual fomos, e



nos acompanharam ao mar até os navios. Quase a maior parte das árvores desta ilha é pau-brasil, e tão bom como aquele do Oriente.

Dessa ilha fomos a uma outra distante dela 10 léguas e encontramos uma grandíssima aldeia que tinha as casas construídas com muito artifício e maravilha sobre o mar, como Veneza. Acordamos ir vê-las, e, quando fomos às suas casas, querendo impedir que nelas entrássemos, experimentaram como as espadas cortam e tiveram por bem deixar-nos entrar. Vimos que tinham as casas cheias de algodão finíssimo, e todas as traves das casas eram de pau-brasil. Tiramos muito algodão e pau-brasil e tornamos aos navios. Deveis saber que, em todos os lugares onde saltamos em terra, encontramos sempre grande quantidade de algodão e os campos cheios de algodoeiros, que se podia carregar quantos navios existem no mundo de algodão e pau-brasil.

Enfim, navegando outras 300 léguas pela costa, encontramos de contínuo gente selvagem, e muitíssimas vezes combatíamos com ela, e aprisionamos cerca de 20, entre os quais sete línguas que não se entendiam umas com as outras. Dizem que no mundo não existem mais que 77 idiomas, e eu digo que eles são mais de mil, pois só os que eu ouvi são mais de 40.

Depois de termos navegado por essa terra 700 léguas; ou mais. Sem as inúmeras ilhas que vimos, estando os navios em mau estado e fazendo água, o que podíamos remediar esgotando-os apenas com duas bombas, a gente muito fatigada e atribulada, e faltando mantimento, e como nos encontrávamos, segundo o ponto dos pilotos, perto de uma ilha que se chamava Hispaniola, a 120 léguas, que foi aquela que o almirante Colombo descobriu seis anos fazem, acordamos ir a ela, isso porque é habitada por cristãos, reparar os nossos navios, descansar as tripulações e nos prover de mantimentos, porque dessa ilha a Castela há 1.300 léguas de golfo sem terra nenhuma. Em sete dias fomos até ela, onde estivemos dois meses, consertamos os navios, abastecendo-os de mantimentos, e acordamos ir para o lado do Noroeste, onde encontramos

muitíssima gente nua, toda medrosa e de pouco ânimo, e fazíamos dela o que queríamos.

Essa última parte que descobrimos foi muito perigosa para a nossa navegação por causa dos baixios e mar raso que nela encontramos, pois muitas vezes estivemos em perigo de nos perder. Navegamos por este mar 200 léguas em direção ao setentrião, e como a gente já andava tão cansada por estar no mar cerca de um ano, e comendo seis onças de pão ao dia e bebendo três pequenas medidas de água, e os navios em perigo permanecendo no mar, reclamaram as tripulações dizendo que queriam voltar para Castela, às suas casas, não querendo mais tentar fortuna. A vista disso acordamos aprisionar escravos e deles carregar os navios e voltar à Espanha. Fomos a certa ilha e pegamos à força 232 almas, tomamos a rota de Castela e, em 67 dias atravessamos o golfo e fomos às ilhas dos Açores, que são do rei de Portugal, que distam de Cádiz 300 léguas. Aqui fizemos provisão de víveres, navegamos para Castela e, o vento tendo sido contrário, tivemos de ir por forças às Ilhas das Canárias, à Ilha da Madeira, e desta a Cádiz.

Estivemos nessa viagem 13 meses, correndo grandíssimos perigos, descobrindo infinitíssimas terras da Ásia e grande quantidade de ilhas, a maior parte delas habitada. Muitas vezes verifiquei com o compasso que tínhamos navegado cerca de cinco mil léguas, que são 20 mil milhas. Em conclusão, passamos a linha equinocial seis graus e meio do lado do Ocidente, navegamos 84 graus distante do meridiano da costa no lado de Cádiz, descobrimos infinita terra e vimos muitíssima gente toda nua e de várias línguas. Vimos na terra muitos animais selvagens e várias espécies de pássaros e árvores, infinitíssimas coisas e todas aromáticas.

Trouxemos pérolas, ouro puro e duas pedras, uma de cor de esmeralda e outra de ametista duríssima do comprimento de meio palmo e da grossura de três dedos. Esse rei apreciou tudo isso, e os pôs entre as suas joias. Trouxemos um grande pedaço de cristal

que alguns joalheiros dizem que é berilo e que, segundo diziam os índios, tinham dele grandíssima quantidade. Trouxemos 14 pérolas encarnadas que muito contentaram a rainha, e também muitas outras pedrarias que pareciam belas. De todas essas coisas não trouxemos muita porque não parávamos em lugar nenhum, mas de contínuo navegávamos.

Chegados que fomos a Cádiz, vimos nossos escravos e encontramos vivos 200 deles. Os que faltavam para completar 232 tinham morrido no golfo. Deduzidas todas as despesas que foram feitas com os navios, restavam 500 ducados, os quais foram repartidos em 55 partes, sendo pouco o que tocou a cada um; também nos contentamos por ter chegado com vida e a salvo, e damos graças a Deus que, em toda a viagem, dos 52 homens cristãos que éramos, não morreram senão dois, mortos pelos índios.

Eu depois que vim tenho duas quartãs e espero em Deus logo sarar porque dura pouco e sem frio. Deixo de parte muitas coisas dignas de referência, não porque não mereçam ser escritas ou lembradas, mas para não ser prolixo. Arma-me aqui esse rei três navios para que novamente vá descobrir, e creio que estarão prestes em meados de setembro. Queira Nosso Senhor dar-me saúde e boa viagem, que na volta espero trazer importante notícias e descobrir a Ilha Taprobana, que fica entre os mares Índico e Gangético. Depois penso repatriar-me e repousar os dias da minha velhice.

Lembrei-me, magnífico Lorenzo, que, como por carta vos dei conta do que me ocorreu, de mandar-vos também dois mapas da descrição do mundo feitos pelas minhas mãos, sendo uma carta em desenho plano e um mapa-múndi em corpo esférico, os quais penso mandar-vos por um Francisco Lotti, nosso florentino, que se encontra aqui. Creio que vos agradarão, principalmente o corpo esférico, que, pouco tempo faz, fiz um para sua alteza o rei, que muito o apreciou.

O meu desejo era levá-los pessoalmente, mas a recente resolução de ir outra vez descobrir não me dá tempo. Não falta nessa cidade quem entenda o desenho do mundo e que talvez corrija alguma coisa dele. Todavia, quem o deva emendar que espere a minha chegada, porque poderá ser que me justifique.

Creio que vossa magnificência terá sabido das muitas terras que encontrou a frota que, dois anos faz, mandou o rei de Portugal a descobrir na parte da Guiné. Viagem como aquela não chamo ir descobrir, mas andar pelo descoberto, porque, como vereis pelo mapa, a navegação é de contínuo avistando a terra. Contornam a terra da África pela parte do austro por um caminho do qual falam todos os autores da cosmografia. Verdade é que aquela navegação foi de bastante proveito, e isto é aquela coisa que todos hoje muito ambicionam, principalmente nesse reino onde desordenadamente domina a cobiça. Sei como passaram o Mar Vermelho e chegaram ao sul do *Sinus Persicus* a uma cidade que se chama Calicut, a qual está ao sul do *Sinus Persicus* e do Rio Indo. Agora novamente o rei de Portugal volta a armar 12 navios com grandíssima riqueza e a mandá-los àquela parte, e creio que farão grandes coisas se forem a salvo.

Somos a 18 de julho de 1500, e nada existe para fazer menção.

Nosso Senhor que vos conserve a vida e o magnífico Estado como deseja.

*Américo Vespúcio em Sevilha.*

*Enviada a Lorenzo dei Medici*

*4 de junho de 1501*

**M**eu magnífico patrão. No dia oito de maio, vos escrevi a última [carta], estando em Lisboa, prestes a partir nesta presente viagem, que agora comecei com a ajuda do Espírito Santo. Achei que não vos escreveria mais até o meu regresso, mas parece que a sorte me deu tempo oportuno para vos escrever não só de terra firme como também de alto-mar.

Soubestes, Lorenzo, tanto pela minha quanto por cartas dos nossos florentinos de Lisboa, que, estando em Sevilha, fui chamado pelo rei de Portugal. Pediu-me ele que me dispusesse a servi-lo nesta viagem, para a qual embarquei em Lisboa a 13 do [mês] passado. Tomamos nosso caminho para o meio-dia, e navegamos tanto que passamos à vista das Ilhas Afortunadas, hoje chamadas Canárias; passamos ao largo delas, mantendo nossa navegação ao longo da costa da África.

Navegamos tanto que chegamos aqui, a um cabo chamado Cabo Verde, que é o começo da província da Etiópia e está no meridiano das Ilhas Afortunadas. Tem a latitude de 14 graus da linha equinocial, onde, por acaso, encontramos ancorados dois navios do rei de Portugal que regressavam das partes da Índia oriental – são daqueles mesmos 13 navios que partiram há 14 meses e foram a Calicut –, com os quais mantive muitas conversas, não tanto sobre a viagem, mas sobre a costa da terra que percorreram, as riquezas que encontraram e sobre o que possuem. Brevemente

farei menção de tudo isso a vossa magnificência, não por meio da cosmografia, pois não houve nessa frota nenhum cosmógrafo ou matemático, o que foi grande erro. Mas serão ditas desordenadamente, como me contaram, salvo o que corriji um pouco com a cosmografia de Ptolomeu.

Essa frota do rei de Portugal partiu de Lisboa em abril de 1499. Navegaram para o meio-dia até as ilhas de Cabo Verde, que distam cerca de 14 graus da linha equinocial, fora de todo meridiano para ocidente: pode-se dizer que está mais a ocidente das Ilhas Canárias seis graus mais ou menos, pois bem sabeis como Ptolomeu e a maior parte das escolas de cosmógrafos colocam o fim do Ocidente habitado nas Ilhas Afortunadas, das quais tomei a latitude com o astrolábio e com o quadrante e achei que é assim mesmo.

A longitude é coisa mais difícil, poucos a conhecem, salvo quem fica muito atento e observa a conjunção da lua com os planetas. Por causa da longitude, perdi muito sono e abreviei minha vida em 10 anos; mas foi tudo bem empregado, e espero alcançar fama por largo tempo, se voltar com saúde desta viagem. Deus não considere como soberba, porque rodo meu trabalho dedicarei a seu santo serviço.

Agora torno ao meu propósito. Como dizia, aqueles mencionados 13 navios navegaram para o meio-dia das ilhas de Cabo Verde, com vento entre meio-dia e libeicho. E, depois de terem navegado 20 dias, cerca de 700 léguas (cada légua tem quatro milhas e meia), pararam numa terra onde encontraram gente branca e nua da mesma terra que descobri para o rei de Castela, salvo que fica mais a levante, sobre a qual vos escrevi em outra minha [carta] –, onde, dizem, tomaram todo fresco.

Dali partiram e seguiram sua navegação para o levante. Navegaram com vento siroco, tomando a quarta do levante. Quando estavam longe da dita terra, tiveram tanta tormenta do mar, com

o vento a libeicho tão tempestuoso que virou cinco navios e os afundou no mar com toda a gente. Deus tenha misericórdia de suas almas. As outras oito naus, dizem, correram em árvore seca, isto é, sem velas, 48 dias e 48 noites, com grandíssima tormenta. Tanto correram que se encontraram com sua navegação a barlavento do Cabo da Boa Esperança, o qual está desenhado na costa da Etiópia, afastado 10 graus do lado do meio-dia do Trópico de Capricórnio, e digo que está na altura de 33 graus da linha equinocial para o meio-dia. Pelo que, feita a proporção do paralelo, acham que o dito cabo tem, de longitude do Ocidente habitado, cerca de 62 graus, e podemos dizer que fica no meridiano de Alexandria.

Daqui navegaram depois para o setentrião à quarta do gregal, navegando continuamente ao longo da costa, a qual, segundo me parece, é o começo da Ásia e província da Arábia Feliz e das terras do Preste João, porque aí tiveram notícia do Nilo, que está a oeste deles; como sabeis, ele separa a África da Ásia.

Nessa costa há infinitas povoações e cidades. Fizeram escala em algumas, sendo a primeira Sofala, que dizem ser uma cidade de tanta grandeza como o Cairo e que tem uma mina de ouro. Dizem que pagam de tributo ao seu rei 200 mil meticais de ouro por ano, valendo cada metical cerca de uma castelhana de ouro. Daqui partiram e foram para Moçambique, onde se diz haver muito aloés, infinita laca e muito tecido de seda. Tem tanta população como a do Cairo.

E de Moçambique foram para Quíloa e para Mabaza (Mombaça), e de Mabaza para Dimodaza e para Melinde. Depois, para Mogodasco (Mogadíscio), para Camperuia e para Zendach. Depois, para Amaab, depois para Adabu (talvez Rasbel) e para Albarcon. Todas essas cidades ficam na costa do Mar Oceano e vão até o estreito do Mar Vermelho. Esse mar, haveis de saber, não é vermelho; é como esse nosso e só tem de vermelho o nome. Todas essas cidades são riquíssimas em ouro, joias, tecidos, especiarias e

drogas, que são trazidos por carroças da parte da Índia – o próprio local de origem –, o que seria, como entenderéis, coisa longa de relatar.

De Albarcon atravessaram o estreito do Mar Vermelho e foram para Meca, aonde foi uma nau da dita frota, que nesse momento aqui chegou a este cabo. Até aqui escrevi sobre a costa da Arábia Feliz.

Agora vos falarei da costa do Mar Vermelho para a Índia, isto é, dentro do estreito desse mar. Na boca do estreito há um porto no Mar Vermelho que se chama Aden, com uma grande cidade. Mais adiante, para o setentrião, fica um outro porto que se chama Camarcan e Ansuva; depois, há um outro porto que se chama Odeinda (Hodeida), e de Odeinda para Lamoia (Lahoa), e de Lamoia para Guda (Gudda). Esse porto de Guda está perto do Monte Sinai – que, como sabeis, fica na Arábia Deserta –, onde dizem que é escala de todos os navios que provêm da Índia e de Meca. Dizem que nesse porto descarregam todas as especiarias, drogas, joias e tudo o que colocam aqui. Depois, vêm as caravanas de camelos do Cairo e Alexandria que as transportam; dizem que percorrem 80 léguas pelo deserto da Arábia. Dizem que navegam nesse Mar Vermelho somente de dia por causa dos muitos escolhos e bancos de areia ali existentes. Contaram-me muitas outras coisas sobre esse mar, que se omitem para não ser prolixo.

Agora falarei sobre a costa do Mar Vermelho do lado da África. Na boca do estreito desse mar está Zoiche (Zeile), cujo senhor é um mouro chamado Agidarcabi; diz-se que fica a três dias do porto de Guda e possui muito ouro, muitos elefantes e infinito mantimento. De Zoiche para Darbazui. Desses dois portos até Arboiam e Zala, o senhor é o Preste João. Defronte há um porto que chamam Tui, pertencente ao grande sultão da Babilônia. Depois de Tui para Ardem, e de Ardem para Zeon. Isso é quanto



eu pude saber sobre o Mar Vermelho. Reporto-me a quem melhor o conhece.

Resta-me agora contar o que ouvi da costa de Meca, que fica dentro do Mar Pérsico, que é o seguinte. Partem de Meca e vão pela costa do mar até uma cidade que se chama Ormuz, que é um porto na boca do Mar Pérsico. Depois, de Ormuz a Tus, e de Tus a Tunas; depois a Capan, a Lechor, a Dua, a Torsis, a Pares, a Stucara, e depois a Ratar. Todos esses portos, que são muito povoados, ficam dentro da costa do Mar Pérsico. Creio que serão muito mais, no meu entender, mas me atenho à verdade, ao que me contou um homem digno de fé que se chamava Gaspar, que tinha viajado do Cairo até uma província que se chama Molecca, a qual está situada na costa do Mar Índico. Creio que seja a província que Ptolomeu chama de Gedrosica. Dizem que esse Mar Pérsico é muito rico, mas não se há de crer em tudo; por isso, deixo para a pena de quem melhor mostrar a verdade.

Agora, resta-me falar da costa que vai do estreito do Mar Pérsico ao Mar Índico, segundo me contam muitos que foram na dita armada, principalmente o dito Gaspar, que sabia muitas línguas e o nome de muitas províncias e cidades. Como digo, é um homem muito autêntico, porque fez duas vezes a viagem de Portugal ao Mar Índico.

Da boca do Mar Pérsico navega-se para uma cidade que se chama Zabul (talvez Dabul), e de Zabul para Goosa (Goa), e de Goosa para Zedeuba, depois a Nui, depois para Bacanut (talvez Barcelar), depois para Salut, depois para Magalut (Mangalor), depois para Batecala, depois para Galnut, depois para Dremepetam, depois para Fandorana, depois para Catat, depois para Calicut. Essa cidade é muito grande, e a armada dos portugueses foi nela repousar. Depois, de Calicut para Belfur, depois para Stailat, depois para Remond, depois para Paravrangrari, depois para Tanui (Tanor), depois para Propornat, depois para Cuninam, depois para Lonam,

depois para Belingut, depois para Palur, depois para Gloncoloi, depois para Cochim, depois para Caincolon (talvez Colam), depois para Cain, depois para Coroncaram, depois para Stomondel, depois para Nagaitan, depois para Delmatan, depois para Carepatan, depois para Conimat.

Até aqui navegaram as frotas de Portugal, apesar de não calcular a longitude e a latitude da dita navegação, coisa impossível de fazer entender a quem não tem muita prática em marinharia. Tenho esperança, nesta minha navegação, de ver e percorrer grande parte do que foi dito e de descobrir muito mais. No meu regresso, farei uma boa e verdadeira relação de tudo. O Espírito Santo vá comigo.

Esse Gaspar, que me contou as citadas coisas – e muitos cristãos o confirmaram, porque foram [testemunhas] de algumas delas –, disse-me, também, o que segue. Disse que estivera no interior da terra da Índia, num reino rico que se chama reino de Perlicat, que é um grandíssimo reino em ouro, pérolas, joias e pedras preciosas. E contou ter estado no interior da terra em Mailepur, em Giapatan, em Melata, em Tanaser (Tarescrim), em Pego, em Starnai, em Bencola, em Otezen e em Marchin. Este Marchin, disse, estava perto de um grande rio chamado Emparlicat. Este Emparlicat é a cidade onde está o corpo do apóstolo São Marcos e onde há muitos cristãos. Contou-me ter estado em muitas ilhas, máxime numa que se diz Ziban (talvez Ceilão), e que se diz abarcar 300 léguas, e que o mar tinha consumido dela o rio e outras 400 léguas. Disse-me que era uma ilha riquíssima de pedras preciosas, pérolas, especiarias de todo gênero, de drogas e outras riquezas, como elefantes e muitos cavalos; de modo que estimo ser a ilha de Taprobana, segundo ele me descreveu. Disse-me mais; que jamais ouviu mencionar Taprobana naquela parte, porque, como sabeis, fica toda diante do mencionado rio.

Também me contou que estivera numa outra ilha chamada Stamatará (talvez Sumatra), que é de igual tamanho de Ceilão e Bencomarcano e é tão rica como elas, de modo que, não sendo o Ceilão, a Ilha Taprobana é Sumatra. Dessas duas ilhas vão à Pérsia e à Arábia inúmeros navios carregados de todo gênero de especiarias, drogas e pedras preciosas. Dizem ter visto grande abundância de navios daquelas partes, que são grandíssimos, de 40 mil e 50 mil cântaros de capacidade, que chamamos de juncos e têm os mastros dos navios grandíssimos, e em cada mastro há três ou quatro cabines. As velas são de junco, não são fabricadas com ferro, mas trançadas com cordas – parece que aquele mar não é tempestuoso –; eles têm bombardas, mas não são navios veleiros, nem se adentram muito pelo mar, pois navegam continuamente à vista de terra.

Aconteceu que essa frota de Portugal, para atender a um pedido do rei de Calicut, capturou um navio que estava carregado de elefantes e de arroz e com mais de 300 homens: ela aprisionou uma caravela de 70 tonéis. De outra vez, afundaram 12 navios. Depois, foram a uma ilha chamada Arembuche e Molucas e muitas outras ilhas do Mar Índico, que são aquelas mencionadas por Ptolomeu e que se encontram ao redor da Ilha de Taprobana, e todas são ricas.

A dita armada retornou a Portugal. Nesse regresso, restaram oito navios, perdendo-se um carregado com muita riqueza, que, dizem, valia 100 mil ducados; e os [outros] cinco, por causa do temporal, perderam-se da capitânia, um dos quais chegou hoje aqui, como digo acima. Creio que os outros virão a salvo. Assim queira Deus.

O que os ditos navios transportam é o seguinte: vêm carregados com infinita canela, gengibre verde e seco, muita pimenta, cravo, noz-moscada, macis, musgo, algália, estoraque, benjoim, porcelana, cássia, mástique, incenso, mirra, sândalo rosa e branco, pau de

aloés, cânfora, âmbar, cana, muita laca, múmia, anil, tuzia, ópio, aloés pático, folio índico e muitas outras drogas que seria longo relatar. De joias, não sei quantas, salvo que vi muitos diamantes, rubis e pérolas, entre os quais vi um rubi em pedra bruta de cor belíssima que pesava sete quilos e meio. Não quero estender-me mais porque o navio... não me deixa escrever. Em Portugal terei notícias. Concluindo, o rei de Portugal tem nas mãos um grandíssimo tráfico e uma grande riqueza. Deus a faça prosperar. Creio que as especiarias irão dessas partes para Alexandria e Itália, segundo a qualidade e os pedidos. Assim vai o mundo.

Credes, Lorenzo: aquilo que escrevi até aqui é a verdade. E, se as províncias, os reinos e os nomes das cidades e das ilhas não correspondem com os dos escritores antigos, é sinal de que mudaram, como vemos em nossa Europa, onde com admiração se ouve um nome antigo. E, para maior evidência da verdade, encontra-se presente Gerardo Verdi, irmão de Simão Verdi de Cádiz, o qual viaja em minha companhia e se recomenda a vós.

Considero perigosa esta viagem que agora faço quanto à segurança deste nosso humano viver. Todavia, faço-a com ânimo sereno para servir a Deus e ao mundo. Se Deus serviu-se de mim, dar-me-á virtude suficiente para que eu esteja disposto para a sua vontade, conquanto me dê eterno repouso à minha alma.

*Enviada a Lorenzo dei Medici*

*Julho de 1502*

**M**eu magnífico patrão Lorenzo. Após as devidas recomendações etc. A última [carta] escrita a vossa magnificência foi da costa da Guiné, de um lugar chamado Cabo Verde, pela qual [vossa magnificência] conheceu o começo da minha viagem. Pela presente se dirá, brevemente, o meio e o fim dela, que é o que se segue.

Partimos do dito Cabo Verde com facilidade e com todas as coisas necessárias, como água, lenha e outros suplementos necessários para meter-se no golfo do Mar Oceano à procura de novas terras. Navegamos tanto com vento entre libecho e meio-dia que em 64 dias chegamos a uma nova terra que achamos ser terra firme por muitas razões que se dirão mais adiante. Percorremos aquela terra por cerca de 800 léguas, sempre em direção a um quarto do libecho para o poente; e achamo-la cheia de habitantes, onde anotei coisas maravilhosas de Deus e da natureza, pelo que resolvi dar notícias dela a vossa magnificência, como sempre fiz das outras minhas viagens.

Navegamos tanto por esses mares que entramos na zona tórrida e passamos a linha equinocial na parte do austro e do Trópico de Capricórnio, de modo que o polo do meio-dia estava 50 graus acima do meu horizonte; outro tanto era a minha latitude da linha equinocial, pois navegamos nove meses e 27 dias e não vimos mais o Polo Ártico nem a Ursa Maior e Menor. Pelo contrário, da parte

do meridiano me apareceram infinitos corpos de estrelas muito claras e belas, as quais estão sempre ocultas àqueles do setentrão. Ali observei o maravilhoso artifício de seus movimentos e suas grandezas, tomando o diâmetro de seus círculos e desenhando-as com figuras geométricas. Notei muitos outros movimentos dos céus, mas seria prolixo descrevê-los.

Mas recolhi, num pequeno trabalho meu, todas as coisas mais notáveis que me aconteceram nessa viagem, para delas me ocupar quando estiver em repouso, deixando de mim alguma fama após a morte. Tencionava mandar-lhe um resumo, mas esse sereníssimo rei [de Portugal] está com ele. Devolvendo-me ele, eu lho mandarei. Concluindo, fui à região dos antípodas, que, pela minha navegação, é uma quarta parte do mundo. O ponto mais alto do meu zênite naquelas regiões fazia um ângulo reto esférico com os habitantes deste setentrão que estão na latitude de 40 graus. E isso basta.

Vamos à descrição da terra, dos habitantes, dos animais, das plantas e de outras coisas úteis e comuns à vida humana que encontramos naqueles lugares. Essa terra é muito amena e cheia de inúmeras e muito grandes árvores verdes, que nunca perdem as folhas; todas têm odores suavíssimos e aromáticos, produzem muitíssimas frutas, e muitas delas saborosas e salutares ao corpo. Os campos produzem muitas ervas, flores e raízes muito suaves e boas. Algumas vezes me maravilhei tanto com os suaves odores das ervas e das flores e com os sabores dessas frutas e raízes, tanto que pensava comigo estar perto do paraíso terrestre; no meio desses alimentos podia acreditar estar próximo dele.

Que diremos da quantidade de pássaros e de suas plumagens, cores e cantos, de quantas espécies e quanta beleza? Não quero alongar-me sobre isto, pois duvido ser acreditado. Quem poderá contar o infinito número de animais silvestres, tanta cópia de leões, onças, gatos – não de Espanha, mas dos antípodas –, tantos

lobos cervais, babuínos, mandris de tantas espécies e muitas cobras grandes? E vimos tantos outros animais que acho que tantas espécies não entrariam na arca de Noé; e tantos porcos selvagens, cabritos, cervos, corços, lebres e coelhos. Não vimos nenhum animal doméstico.

Vamos aos animais racionais. Achamos toda a terra habitada por gente nua, tanto os homens como as mulheres, sem cobrir suas vergonhas. De corpo, são benfeitos e proporcionados: de cor branca e cabelos longos, pouca ou nenhuma barba. Trabalhei muito para entender a vida e os costumes deles, porque comi e dormi 27 dias no meio deles. E o que deles soube é o seguinte:

Não têm nem lei nem fé alguma. Vivem segundo a natureza. Não conhecem a imortalidade da alma. Não possuem entre si bens próprios porque tudo é comum. Não têm fronteiras de reinos ou província; não têm rei nem obedecem a ninguém; cada um é senhor de si. Não administram justiça, que não é necessária para eles, porque neles não reina a cobiça. Habitam em comum, em casas feitas à maneira de cabanas muito grandes. Para gente que não possui ferro nem outro metal, pode-se dizer que suas cabanas são, na realidade, casas milagrosas, porque vi casas com 200 passos de comprimento e 30 de largura, fabricadas artisticamente; numa dessas casas estavam 500 ou 600 almas.

Dormem em redes tecidas de algodão, pendurados no ar, sem qualquer cobertura. Comem sentados no chão. Suas comidas são muitas raízes de ervas e frutas muito boas, infinitos peixes, grande abundância de mariscos, ouriços, caranguejos, ostras, lagostas, camarões e muitos outros produtos do mar. A carne que comem, máxime a comum, é carne humana, do modo que se dirá. Quando podem obter outra carne, de animais ou de aves, eles a comem, mas capturam poucos [animais] porque não têm cães e a terra é muito densa de bosques, que estão cheios de feras cruéis; por isso, não costumam meter-se nos bosques, salvo com muita gente.

Os homens costumam furar os lábios e as faces; depois, naqueles furos metem ossos ou pedras – e não se pense que são pequenas; a maioria desses homens tem três furos, alguns sete, outros nove, nos quais introduzem pedras de alabastro verde e branco, que têm meio palmo de comprimento e a grossura de uma ameixa catalã, que parecem coisa fora do natural. Dizem fazer isso para parecer mais ferozes. Enfim, é coisa bestial.

Os seus casamentos não são com uma só mulher, mas com as que querem, e sem muita cerimônia. Conhecemos um homem que tem 10 mulheres. São ciumentos delas; se acontecer que uma mulher lhe seja infiel, castiga-a, espancando-a, e manda-a embora, afastando-a. São gente muito fecunda. Não têm herdeiros porque não possuem bens próprios. Quando os filhos, isto é, as mulheres, estão em idade de procriar, o primeiro que as corrompe deve ser, exceto o pai, o parente mais próximo que tenham. Depois, assim corrompidas, as casam. Nos partos, as suas mulheres não fazem nenhuma cerimônia como as nossas [fazem]; comem de tudo; logo após o parto, no mesmo dia vão ao campo para lavar-se.

São pessoas que vivem muitos anos, porque, segundo suas lembranças, havíamos conhecido muitos homens que têm até quatro gerações de netos. Não sabem contar os dias, nem os meses, nem os anos, salvo que contam o tempo por meses lunares. E, quando querem mostrar alguma coisa e o seu tempo, mostram com pedras, pondo uma pedra para cada lua. Encontrei um homem dos mais velhos que me fez sinais com pedras ter vivido 1.700 [meses] lunares, o que me parece ser 132 anos, contando 13 [meses] lunares por ano. São gente belicosa e muito cruéis entre si. Todas as suas armas e golpes são, como diz Petrarca, “entregues ao vento”, que são arcos, setas, dardos e pedras; não costumam usar defesas nos seus corpos porque andam nus como nasceram. Não têm ordem nenhuma em suas guerras, salvo fazer aquilo que lhes aconselham os seus anciãos. Quando combatem, matam-se muito cruelmente,



e a parte que resta vencedora do campo enterra todos os mortos do seu lado, e [os corpos] dos inimigos, despedaçam e comem. E os que capturam, prendem-nos e os têm como escravos nas suas casas; se for mulher, dormem com ela; se for homem, casam-no com suas filhas.

Em certas épocas, quando lhes vem uma fúria diabólica, convidam os parentes e o povo e os põem diante, isto é, a mãe com todos os filhos que dela têm e, com certas cerimônias, os matam a flechadas e os comem. Fazem o mesmo aos ditos escravos e aos filhos que nascem deles. Isto é verdadeiro, porque nas suas casas encontramos carne humana posta ao fumo, e muita; e compramos deles 10 criaturas, homens e mulheres, que estavam destinadas ao sacrifício ou, melhor dizendo, ao malefício. Nós os repreendemos muito; não sei se se emendaram.

O que mais me maravilhou nessas suas guerras e crueldade é que não pude saber deles por que fazem guerra uns aos outros, pois que não têm bens próprios nem domínio de impérios ou reinos, nem sabem que coisa seja cobiça, isto é, riquezas ou cupidez de reinar, o que me parece ser a causa das guerras ou de todo ato desordenado. Quando lhes pedimos que dissessem a causa, não sabiam dar outra razão, salvo que dizem que há muito tempo começou entre eles essa maldição e querem vingar a morte de seus pais antepassados. Em conclusão, é coisa bestial. Certo é que um homem deles me confessou ter comido a carne de mais de 200 corpos; e tenho isso por certo, e basta.

Quanto à disposição da terra, digo que é terra muito amena, temperada e sã porque, durante o tempo em que andamos por ela, que foram 10 meses, nenhum de nós morreu e poucos adoeceram. Como disse, eles vivem muito tempo, não têm enfermidade nem pestilência ou corrupção do ar, morrem de morte natural ou por sufocação. Em conclusão, os médicos teriam moradia ruim em tal lugar. Como navegamos para descobrir – e com tal comissão

partimos de Lisboa –, não para buscar algum proveito, não nos incomodamos em pesquisar a terra, nem em procurar nela algum proveito, de modo que nela não percebemos coisa que fosse útil a ninguém, não porque eu não creia que a terra não produza todo o gênero de riqueza por sua admirável disposição e por estar no local do clima onde está situada. E não é de maravilhar-se que assim, de repente, não percebêssemos todo o proveito, porque seus habitantes não estimam coisa alguma, nem ouro, nem prata ou outras joias, salvo coisa de plumagens ou de osso, como foi dito. Este sereníssimo rei mandando visitá-la agora, tenho a esperança de que não passarão muitos anos para trazer grandíssimo proveito e renda a este reino de Portugal.

Achamos infinito pau-brasil, muito bom para carregar quantos navios estiverem hoje no mar, sem nenhum custo, e também canafístula. Vimos cristal e infinitos sabores e odores de especiarias e drogas que não se conheciam. Os homens do país falam de ouro e de outros metais e drogas, mas estas não são conhecidas. Os homens do país falam de ouro e outros metais, drogas e muitos milagres, mas eu sou daqueles de São Tomé: o tempo fará tudo. O céu, na maior parte do tempo, mostra-se sereno e adornado com muitas e claras estrelas brilhantes; anotei os círculos de todas.

Isto é um resumo, só *capita rerum*, das coisas que vi naquelas partes. Deixam-se muitas coisas que seriam dignas de memória para não ser prolixo, e [vossa magnificência] as achará com minúcias na minha *Viagem*.

Por ora estou aqui em Lisboa, esperando o que o rei determinará sobre mim. Praza a Deus que de mim siga o que seja melhor para o seu santo serviço e saúde da minha alma.





© 2012, Fundação Darcy Ribeiro  
Direitos desta edição pertencentes à Fundação Darcy Ribeiro  
Rua Almirante Alexandrino, 1991  
20241-263 - Rio de Janeiro – RJ  
www.fundar.org.br

1ª Edição. 1ª Impressão. 2014.

BIBLIOTECA BÁSICA BRASILEIRA – CULTIVE UM LIVRO

**Curadoria**

*Paulo de F. Ribeiro – Coordenação Geral*  
*Godofredo de Oliveira Neto*  
*Antonio Edmilson Martins Rodrigues*

**Comitê Editorial**

*Eric Nepomuceno – Fundação Darcy Ribeiro*  
*Oscar Gonçalves – Fundação Biblioteca Nacional*  
*Norberto Abreu e Silva Neto – Editora Universidade de Brasília*  
*Anibal Bragança – Fundação Biblioteca Nacional*  
*Lucia Pulino – Editora Universidade de Brasília*

**Produção**

*Editora Batel*

**Coordenação editorial**

*Carlos Barbosa*

**Projeto gráfico**

*Solange Trevisan <sup>z</sup>c*

**Diagramação**

*Solange Trevisan <sup>z</sup>c*

*Ilustrarte Design e Produção Editorial*

**Tratamento de textos da coleção**

*Clara Diament*

*Edmilson Carneiro*

*Cerise Gurgel C. da Silveira*

*Carina Lessa*

*Léia Elias Coelho*

*Maria Edite Freire Rocha*

**Projeto de capa**

*Leonardo Viana*

**Assessoria de Comunicação Fundar**

*Laura Murta*

Texto estabelecido segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

V581n

Vespucci, Amerigo, 1454-1512

Novo mundo: as cartas que batizaram a América / Américo Vespúcio. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013. 130 p.; 21 cm. – (Coleção biblioteca básica brasileira; 38).

ISBN 978-85-635-7451-0

1. América – Descobertas e explorações. I. Fundação Darcy Ribeiro II. Título. III. Série.

CDD-970.01

Roberta Maria de O. V. da Costa – Bibliotecária CRB7 5587



**Patrocínio:**



**Realização:**

Ministério da  
Cultura



**Impressão e acabamento :**





## **FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO**

### **Instituidor**

*Darcy Ribeiro*

### **Conselho Curador**

*Alberto Venâncio Filho*

*Antonio Risério*

*Daniel Corrêa Homem de Carvalho*

*Elizabeth Versiani Formaggini*

*Eric Nepomuceno*

*Fernando Otávio de Freitas Peregrino*

*Gisele Jacon de Araújo Moreira*

*Haroldo Costa*

*Haydée Ribeiro Coelho*

*Irene Figueira Ferraz*

*Isa Grinspum Ferraz*

*Leonel Kaz*

*Lucia Velloso Maurício*

*Luzia de Maria Rodrigues Reis*

*Maria de Nazareth Gama e Silva*

*Maria Elizabeth Brêa Monteiro*

*Maria José Latgé Kwamme*

*Maria Stella Faria de Amorim*

*Maria Vera Teixeira Brant*

*Mércio Pereira Gomes*

*Paulo de F. Ribeiro*

*Paulo Sergio Duarte*

*Sergio Pereira da Silva*

*Wilson Mirza*

*Yolanda Lima Lobo*

### **Conselho Curador – In Memoriam**

*Antonio Callado*

*Carlos de Araujo Moreira Neto*

*Leonel de Moura Brizola*

*Moacir Werneck de Castro*

*Oscar Niemeyer*

*Tatiana Chagas Memória*

### **Conselho Fiscal**

*Eduardo Chuahy*

*Lauro Mário Perdigão Schuch*

*Trajano Ricardo Monteiro Ribeiro*

*Alexandre Gomes Nordskog*

### **Diretoria Executiva**

*Paulo de F. Ribeiro – Presidente*

*Haroldo Costa – Vice-Presidente*

*Maria José Latgé Kwamme – Diretora Administrativo-Financeira*

*Isa Grinspum Ferraz – Diretora Cultural*

*Maria Stella Faria de Amorim – Diretora Técnica*

